

2

O conflito entre Honduras e El Salvador

A elaboração de um estudo de caso, contendo as origens e o desenvolvimento do conflito Honduras-El Salvador, torna-se necessária para a compreensão de sua resolução imediata, ou administração, através da atuação da OEA.

O presente conflito tem bases na interdependência sócio-econômica existente entre os países envolvidos. Esse não é o único fator que leva à eclosão da Guerra do Futebol, mas deve ser analisado como pano de fundo da discussão já que possibilita o surgimento de outros fatores, como a acentuação da desigualdade econômica entre Honduras e El Salvador, a migração internacional descontrolada e a crise do mercado de trabalho. Há que se examinar também as características domésticas de cada Estado no momento imediatamente anterior ao conflito, tais como o crescimento demográfico, a migração interna, a concentração de renda e terras, o prestígio dos setores militar e empresarial na política doméstica, entre outros, fatores esses que terão forte influência na eclosão do conflito armado.

De maneira a observar o papel desempenhado por esses fatores, deve-se verificar a *origem* de cada um deles. Por conseguinte, o Capítulo 2 pretende examinar a demarcação das fronteiras na América Central e o grau de envolvimento e de interdependência existentes entre os países dessa região, em um nível de análise regional (item 2.1). Passando-se para o nível de análise estatal, as condições políticas, sociais e econômicas dos dois países também serão analisadas, devido à sua relevância para a própria eclosão do conflito (item 2.2), ressaltando que o principal eixo da questão refere-se ao fluxo migratório e à crise do mercado de trabalho em Honduras e em El Salvador. Também no Capítulo 2 será descrito o conflito armado, iniciado em julho de 1969 (item 2.3).

2.1 A demarcação da fronteira entre Honduras e El Salvador

“(…) While the struggle of the last decade between El Salvador and Honduras must be understood in the light of all that had gone before in Central America, it would be a mistake to assume that this war was primarily about common markets or reunification efforts. The basis of this particular conflict must be sought in the relationship of man to the land within the two contending states – a relationship shaped in each case by forces peculiar to the time and place”¹.

A origem histórica do tema remonta à demarcação das fronteiras nacionais das colônias da América Central à época de sua independência em relação à Coroa Espanhola, em 15/09/1821. Na era colonial, havia na região uma única entidade política, o Reino da Guatemala ou Capitania-Geral da Guatemala², e os limites existentes entre suas regiões administrativas deu origem, em setembro de 1821, às fronteiras internacionais dos cinco Estados centro-americanos, dentre eles Honduras e El Salvador. A delimitação das fronteiras foi prescrita pelas Constituições de ambos os Estados³, em que se lia, expressamente, o nome das cidades, de um e de outro Estados, por onde passava a linha fronteira, em uma clara demonstração de que se reconhecia os limites então definidos.

Não obstante o reconhecimento da delimitação fronteira, a questão dos limites territoriais foi um fator importante no relacionamento desses cinco Estados, já que seus territórios têm dimensões exíguas, sendo a soma total da área ocupada pelos Estados centro-americanos equivalente ao território do Paraguai, um dos menores Estados da América do Sul⁴. Por conseguinte, é de se

¹ Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed: Honduras and El Salvador, 1969*, 1981; p. 10. Tradução livre: “(…) enquanto a luta na última década entre Honduras e El Salvador pode ser compreendida a partir de tudo o que já aconteceu na América Central, seria um erro assumir que esta guerra ocorreu principalmente por causa de mercados comuns ou de esforços de reunificação. A base deste conflito em particular deve ser entendida a partir da relação do homem com a terra nos dois Estados – uma relação moldada em cada caso por forças peculiares de tempo e espaço”.

² Havia seis províncias: Chiapas (que hoje faz parte do México), Guatemala, San Salvador, Honduras, Nicarágua e Costa Rica. Cada uma dessas províncias tinha alguma autonomia administrativa, na medida em que o seu governador estava submisso apenas ao Capitão-Geral do Reino da Guatemala; este, por sua vez, devia obediência ao Vice-Rei da Nova Espanha (residente na Cidade do México).

³ Assim previa a primeira Constituição de Honduras (de 11/12/1824), e também as Constituições de 1839, 1848 e de 1865. Havia a mesma previsão na primeira Constituição de El Salvador (12/02/1824) e na Constituição de 1841 (Gerardo Martínez BLANCO, *Enfoque Histórico y Jurídico de la Controversia Limítrofe entre Honduras y El Salvador*, 1991; p. 38).

⁴ Alfredo Bruno BOLOGNA, “Conflicto Honduras-El Salvador”, 1971; p. 111.

compreender a insatisfação principalmente de El Salvador – o menor Estado da América Central –, no que se refere aos limites de seu território.

A primeira Constituição de El Salvador, além de prescrever os limites do Estado, anexou a seu território a província de Sonsonate, pertencente à Guatemala, demonstrando um comportamento expansivo. Do mesmo modo, ao longo da história, El Salvador demonstra não ter se conformado com o fato de seu território ter apenas 21.160 km². Depois do episódio da anexação da província de Sonsonate, um outro evento, ocorrido no início do século XX, comprova esta insatisfação. Em 1901, dois engenheiros apresentam o novo mapa oficial de El Salvador, encomendado pelo governo. A figura conta com uma superfície de 21.159 km², porém um pequeno quadro, próximo à figura, contém a informação de que El Salvador teria 34.126 km². Este erro, de cerca de 14.000 km², apesar de grosseiro, trouxe bastante discussão e, somente em 1927, o governo oficialmente declara que o pequeno quadro localizado sobre a figura estaria errado⁵ e que o território deste Estado teria 21.160 km². Aparentemente houve dificuldades para o governo adotar essa medida, já que isso ocorre 26 anos após a divulgação do mapa oficial. Pode-se, portanto, concluir pela existência de um certo *trauma* referente ao tamanho do território nacional, revelando uma política de Estado e não de governo, que reflete a dificuldade de delimitar suas fronteiras com Honduras e evidencia a investida belicosa contra este país quando da Guerra do Futebol, em julho de 1969.

Volta-se, neste momento, à questão dos relacionamentos de El Salvador com o seu vizinho, Honduras. As relações políticas e sócio-econômicas entre os dois países eram bastante harmoniosas na época da independência; a harmonia alcançava a tal nível que se chegou a formular, por diversas vezes, a hipótese de se constituir os ‘Estados Unidos da América Central’ através da união política, econômica e social dos cinco países centro-americanos, em que os mais engajados eram El Salvador e Honduras⁶.

As tentativas de união centro-americana – só no período entre 1842 e 1862 foram oito as tentativas – contavam, geralmente, com o apoio de El Salvador, Honduras e Nicarágua; a Guatemala, o Estado mais poderoso da América Central,

⁵ Gerardo Martínez BLANCO, *Enfoque Histórico y Jurídico...*, 1991; p. 42.

e a Costa Rica, com a menor população, tendiam a ficar afastadas⁷. Uma dessas tentativas de unificação política ocorre logo após a declaração da independência, em 1822, mas a concretização desse ideal não dura muito e desmantela-se em 1839/1840, devido principalmente ao precário sistema de comunicação na região e à luta entre políticos liberais e conservadores dentro de cada Estado⁸.

Dessa forma, apesar de vários esforços dos governos locais, a união política dos Estados centro-americanos não obteve êxito na prática, ao contrário do que ocorre, mais tarde, com a integração sócio-econômica da região, através principalmente de instituições como a Organização dos Estados Centro-americanos (ODECA) e do Mercado Comum Centro-americano (MCCA).

2.1.1

As tentativas de resolução pacífica de conflitos anteriores

Os vínculos existentes entre Honduras e El Salvador não impedem o surgimento de problemas territoriais entre algumas cidades fronteiriças⁹ e, em 1861, ocorre o primeiro conflito entre povoados desses dois Estados desde a independência, entre Santa Elena, pelo lado hondurenho, e Perquín e Arambala, pelo lado salvadorenho. O compromisso assinado pelos países em 1869 estabelecia, dentre outros itens, que a fronteira na área controversa passaria a ser delimitada pelo rio Negro, que corria pelo meio desses povoados. Esta delimitação, no entanto, dá origem a problemas entre *outros* dois povoados fronteiriços (Colomoncagua, em Honduras, e Torola, em El Salvador). Ficaram, então, suspensos os trabalhos da equipe até que uma nova operação, ainda em 1869, demarcasse os limites entre Colomoncagua e Torola. Verificados os títulos e visitado o local da controvérsia, as soluções foram postergadas pelos comissionários Emeterio Chávez (de Honduras) e José Francisco Sancho (de El

⁶ Gerardo Martínez BLANCO, *Enfoque Histórico y Jurídico...*, 1991; p. 17; Alain ROUQUIÉ, "Honduras-El Salvador - la guerre de cent heures: un cas de 'désintégration' régionale", 1971, p. 1296-7; e Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 3.

⁷ Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 6.

⁸ Thomas P. ANDERSON, *Politics in Central America – Guatemala, El Salvador, Honduras, and Nicaragua*, 1991; p. 3.

Salvador), os mesmos que haviam tentado solucionar a controvérsia anterior, ou seja, o problema não é resolvido.

Em junho de 1880 foram delimitadas outras áreas – nas chamadas Conferências de Saco¹⁰ –, mas tais limites nunca chegaram a ser demarcados. E, de modo a deixar a situação ainda mais complexa, no fim desse mesmo ano surgem novos pequenos conflitos entre os povoados de Ocotepeque (Honduras) e Citalá (El Salvador).

Em 1884, os dois países apresentam suas delegações para resolverem a questão limítrofe, e as oito conferências realizadas em menos de um mês deram origem, em abril, à Convenção Cruz-Letona¹¹. Mais uma vez, há obstáculos na concretização dos novos limites quando a Assembléia hondurenha não ratifica a convenção.

No mês de setembro de 1886, em Tegucigalpa, outra Convenção é assinada, com a nomeação de mais uma delegação, constituída por advogados e agrimensores, para delimitar a fronteira, tendo em vista todos os documentos anteriormente assinados pelas partes. Novamente não se chega a nenhum consenso.

A tentativa seguinte data de janeiro de 1895, em que os Ministros de Relações Exteriores dos dois países retomam o trabalho da comissão de 1886 para, enfim, resolver de forma pacífica as questões limítrofes ainda pendentes. Assina-se a Convenção Bonilla-Velasco¹², que prevê a composição de uma comissão mista e de um grupo de árbitros caso o trabalho conclusivo da comissão não venha a ser colocado em prática. Em novembro de 1897, um representante de cada país forma uma comissão para tentar solucionar as questões pendentes entre Opatoro e Santa Ana (Honduras) e Lislique e Polorós (El Salvador). A conclusão a que se chegou foi no sentido de dividir ao meio o terreno disputado, o que não foi ratificado pelos Estados.

⁹ Os detalhes relativos às tentativas de resolução pacífica dos conflitos são fornecidos por Gerardo Martínez BLANCO, *Enfoque Histórico y Jurídico...*, 1991, p. 17 e seguintes, e por Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981, p. 42 e seguintes.

¹⁰ É uma pequena cidade hoje conhecida por Concepción de Oriente, *apud* Gerardo Martínez BLANCO, *Enfoque Histórico y Jurídico...*, 1991; p. 21.

¹¹ Estes eram os sobrenomes dos chefes de cada uma das delegações, sendo Francisco Cruz o representante de Honduras e o General Lisandro Letona, o de El Salvador.

¹² Chefes de cada uma das delegações: general Manuel Bonilla (Honduras) e J. Jesús Velasco (de El Salvador).

Os resultados mais próximos da concretização foram obtidos sob os auspícios da *Convenção Bonilla-Velasco*: em 1916, há a nomeação de uma nova comissão mista, composta por três membros de cada Estado. Os salvadorenhos, no entanto, criaram muitos obstáculos, impossibilitando a reunião da Comissão e a data da discussão final das conclusões de cada equipe foi postergada por tanto tempo que ultrapassou o prazo máximo previsto e teve de ser abandonada. Os Estados não desistem e, em 1918, uma nova convenção é assinada pelos governos, repetindo praticamente os princípios da *Convenção Bonilla-Velasco*, de 1895. Dessa vez, o Congresso hondurenho ratifica-a, porém o salvadorenho se recusa a fazê-lo.

Assim, várias foram as convenções assinadas pelos governos de Honduras e de El Salvador até a eclosão da Guerra do Futebol, na tentativa de resolver seus problemas fronteiriços por métodos pacíficos. Em geral, uma comissão mista, composta por advogados e engenheiros agrônomos dos dois países, era enviada aos locais em disputa, e a partir das visitas era elaborado um tratado que contivesse detalhes sobre o mapeamento do setor da fronteira questionado. Os tratados que chegaram a ser assinados pelos governos freqüentemente deixavam de ser ratificados pelos poderes legislativos, o que anulava todo o trabalho realizado pelas comissões mistas.

As negociações bilaterais eram a principal forma de resolução. Mas as contendas, por duas vezes, foram levadas a um árbitro. Em dezembro de 1880, a *Convención Preliminar* nomeou Joaquín Zavala, enquanto presidente da Nicarágua, como o responsável por dirimir as controvérsias e delimitar os limites territoriais entre algumas cidades fronteiriças de Honduras e de El Salvador. Ocorre que Zavala, no momento em que iria pronunciar o seu laudo, em junho de 1883, foi impedido de fazê-lo por não mais ser o presidente da Nicarágua.

A segunda tentativa ocorre com a convenção de setembro de 1886. Depois de mais um insucesso da comissão mista nomeada pelos Estados, os dois governos subscreveram uma Convenção de Arbitragem, nomeando como árbitro o presidente da Costa Rica¹³. Dessa vez, apesar de esta Convenção ter sido ratificada pelo Congresso de ambos os países, nunca foi efetivamente colocada em prática.

¹³ Não se mencionou no texto da convenção o nome do presidente, Bernardo Soto Alfaro, para não incorrer no mesmo erro da convenção anterior.

Até o ano de 1918, diversas convenções, tratados e acordos bilaterais foram assinados e permaneceram sem concretização. De 1918 a 1949, as negociações permanecem paradas e, neste período, não se assina nenhum documento bilateral sobre controvérsias territoriais. Em novembro de 1949, tem início uma troca de notas diplomáticas entre os dois países em que se tenta a resolução pacífica da questão fronteiriça. Esta fase de troca de notas oficiais entre a diplomacia de ambos os países dura até o ano de 1953, quando El Salvador deixa de responder a uma das notas de Honduras, terminando, assim, o período de negociações¹⁴.

A última tentativa de resolução pacífica dessa questão antes da eclosão da Guerra do Futebol ocorre em junho de 1962, quando o chamado *Convenio n. 3 de El Amatillo* é celebrado pelos presidentes de ambos os países¹⁵. O convênio, que previa a composição de uma Comissão de Estudo para elaborar um Projeto de Bases e Procedimentos¹⁶, é ratificado por ambos os países e a Comissão de Estudos é instalada em Tegucigalpa em meados de setembro de 1963.

No mês seguinte, porém, o presidente hondurenho Ramón Villeda Morales sofre um golpe de Estado e o novo governo, liderado pelo coronel Osvaldo López Arellano, não se preocupa com a solução dessas questões. Assim, o pequeno esforço desse novo governo pode ter influenciado a demora da realização da *primeira* reunião da comissão criada pelo convênio acima, que ocorre apenas em dezembro de 1967, depois de 4 anos, em um momento em que as relações entre os dois países já estavam bastante desgastadas. El Salvador nunca se pronunciou sobre o projeto apresentado por Honduras naquela sessão.

Assim, pode-se concluir que as tentativas de resolução pacífica da questão fronteiriça eram, em geral, iniciadas pelo poder executivo e obstruídas pelo poder legislativo tanto de Honduras como de El Salvador, sob o argumento de que violariam o interesse nacional. Apesar disso, a maior parte das tentativas foi obstruída por El Salvador, o que confirmaria a hipótese de que a escassez territorial desse país seria uma política de Estado e não de governo.

¹⁴ Gerardo Martínez BLANCO, *Enfoque Histórico y Jurídico...*, 1991; p. 32.

¹⁵ O presidente hondurenho era Ramón Villeda Morales e o salvadorenho, Rodolfo Cordón.

¹⁶ Gerardo Martínez BLANCO, *Enfoque Histórico y Jurídico...*, 1991; p. 33-4.

2.1.2

As relações sócio-econômicas de ambos os países no âmbito da América Central

Após a Segunda Guerra Mundial, as organizações regionais começam a surgir com mais força e mais legitimidade e, inspirados por esse novo fenômeno, os países da América Central decidem criar, em 1951, a Organização dos Estados Centro-americanos (ODECA)¹⁷, cuja Secretaria-Geral tinha sede em San Salvador. Na mesma década também tem início uma série de tratados de natureza econômico-financeira, também no âmbito da América Central, dando origem ao Mercado Comum Centro-Americano (MCCA)¹⁸.

Com isso, a partir da segunda metade do século XX, as relações econômicas entre os cinco países ficam mais intensas. Em 1951, El Salvador e Nicarágua assinam o primeiro tratado de livre comércio da região. Em Tegucigalpa, a 10/06/1958, há a assinatura, pelos cinco países, do Tratado Multilateral de Livre Comércio e de Desenvolvimento Econômico, que apresenta uma lista com cerca de duzentos itens a serem negociados sem tarifas. A expectativa era de que esta lista passasse a compreender *todos* os produtos em aproximadamente 20 anos. Para regular os itens não incluídos no Tratado Multilateral, é assinado em setembro de 1959, o Acordo de San José.

No início de 1960, em fevereiro, assina-se um Tratado de Associação Econômica, o qual a Costa Rica não quis ratificar. Foi preciso que o então Presidente norte-americano, John F. Kennedy, fosse pessoalmente à região para garantir a ratificação deste tratado pelo Estado “dissidente”.

Em dezembro do mesmo ano, na cidade salvadorenha de El Poy, é adotado o Tratado Geral de Integração Centro-americana, também pelos cinco países – este tratado foi preparado por representantes de El Salvador, Honduras e Guatemala, e aprovado pelos outros dois.

Assim, no fim da década de 1960 o MCCA já era considerado estável, devido ao aumento do volume de negócios na região: o comércio intra-regional

¹⁷ A Carta da Organização dos Estados da América Central foi assinada em 14/10/1951, em San Salvador. Apesar da fraqueza política desta organização, ela pode ser considerada um primeiro passo para a integração econômica.

¹⁸ Os tratados que deram origem ao MCCA foram assinados pelos cinco países centro-americanos entre os anos de 1958 e 1962.

aumentou de US\$ 37 milhões, em 1961, para US\$ 259 milhões, em 1968, crescendo cerca de 35% ao ano¹⁹.

Vale ressaltar a relação comercial dos Estados Unidos com a região e, especialmente, com Honduras e El Salvador, a partir da década de 1950. As estatísticas mostram que, em 1953, 59,9% de todos os produtos importados por El Salvador eram provenientes dos EUA, e apenas 9% provinham da América Central. As taxas para Honduras, também de 1953, comprometem ainda mais a sua economia: 71,6% dos produtos importados por Honduras eram norte-americanos, e apenas 3,7% tinham suas origens na América Central. O fortalecimento do MCCA fez com que os países centro-americanos desenvolvessem uma relação de interdependência entre si, o que diminuiu o comércio com os Estados Unidos²⁰.

No que se refere às relações econômicas existentes entre Honduras e El Salvador, no início da década de 1960 o MCCA foi mais favorável a Honduras. Esta situação, no entanto, não perdura e Honduras começa a ter um alto déficit²¹, devido às regras de importação e exportação do MCCA, agravado pela ausência de benefícios eqüitativos, o que prejudicou também a Nicarágua, fazendo com que esses dois países praticamente financiassem a expansão econômica e industrial de seus vizinhos²²:

‘Por causa do regime de livre comércio, Honduras e Nicarágua começaram a importar mais produtos manufaturados que os outros países, não sendo capazes, porém, de compensar suas importações com as exportações de seus bens agrícolas e manufaturados, porque ambos tinham setores industriais relativamente fracos em comparação com os de seus vizinhos e também porque o comércio agrícola não se expandiu devido à ausência de integração neste setor’²³.

Assim, a intensa relação comercial que Honduras mantinha com os EUA é, de certa forma, transferida para seu vizinho El Salvador em meados da década de 1960. Era um evento tão explícito que, além de ser percebido pelos estudiosos e economistas hondurenos, foi também observado pelo homem comum de Honduras, que começa a ter de competir com o salvadoreno em sua busca por

¹⁹ James ROWLES, *El conflicto Honduras-El Salvador y el orden jurídico internacional*, 1980; p. 31.

²⁰ Ver Tabela 1, em anexo.

²¹ Ver Tabela 2, em anexo.

²² Alfredo Bruno BOLOGNA, ‘Conflicto Honduras -El Salvador’, 1971; p. 162.

²³ James ROWLES, *El conflicto Honduras-El Salvador...*, 1980; p. 37.

empregos e por terras²⁴. Essa relação de dependência gera insatisfação e revolta no seio da sociedade hondurenha e, portanto, corresponde a mais um fator na criação da rivalidade entre hondurenhos e salvadorenhos.

Do nível de análise regional passa-se para o nível estatal. O próximo item pretende realizar um estudo sobre as condições políticas, sociais e econômicas em que viviam Honduras e El Salvador à época do conflito, já que os fatores domésticos, assim como os de nível regional, também fazem parte da origem da controvérsia.

²⁴ Vincent CABLE, "The 'Football War' and the Central American Common Market", 1969; p. 660, Alain ROUQUIÉ, "Honduras -El Salvador - la guerre de cent heures...", 1971; p. 1308-9, e Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 65.

2.2 Os fatores políticos e sócio-econômicos do conflito

“(...) *Si dans l'ordre ethnique et politique tout rapproche le Honduras et le Salvador, dans le domaine de la démographie et de l'économie tout les éloigne*”²⁵.

Deve-se realizar um estudo sobre as condições políticas, sociais e econômicas em que viviam os Estados imediatamente antes do conflito, ou seja, nas décadas de 1950 e 1960.

Os territórios de Honduras e de El Salvador se complementam geograficamente²⁶. Além disso, a maior parte da população de ambos os países é mestiça sendo, portanto, relativamente homogênea. Não há especificidades culturais ou lingüísticas que diferenciem essas duas populações, o que facilita a migração; este fluxo de pessoas, por sua vez, contribui para que se desfaçam os pequenos traços de singularidade nacional e, assim, as populações salvadorenha e hondurenha *naturalmente* se misturam ao longo das fronteiras.

Em determinadas áreas próximas à fronteira, do lado hondurenho, a integração social e econômica ocorria de uma maneira tão intensa que o *colón* (moeda salvadorenha) circulava livremente, ao lado do *lempira* (moeda oficial de Honduras). Em locais como este, as eleições começaram a sofrer fraudes e cidadãos de origem salvadorenha eram eleitos para cargos públicos de Honduras. Ao comentar esse fato, Alain Rouquié (1971) observa que:

“(...) não se sonharia em uma ‘integração fronteiriça’ com mais sucesso [do que essa] nem de um mais perfeito espírito comunitário; e é difícil imaginar uma guerra entre inimigos tão indiscerníveis”²⁷.

O conflito armado, no entanto, ocorre em julho de 1969 e é resultado de uma conjuntura específica de tempo e espaço criada pela convergência simultânea das condições econômicas, sociais e políticas de cada um dos Estados nas décadas de 1950 e 1960.

²⁵ Alain ROUQUIÉ, “Honduras-El Salvador - la guerre de cent heures...”, 1971; p. 1298. Tradução livre: “Se no âmbito étnico e político tudo aproxima Honduras e El Salvador, no âmbito demográfico e econômico, tudo os afasta”.

²⁶ Ver Mapa 1, em anexo.

²⁷ Alain ROUQUIÉ, “Honduras -El Salvador - la guerre de cent heures...”, 1971; p. 1296.

El Salvador²⁸

*“The social and economic problems of El Salvador are beyond the solution
of the wisest and most able rulers.
(...) the population of El Salvador has mushroomed to the point
where starvation must be the lot of many and malnutrition the lot of all but the privileged few.
With the soil overtaxed, little is left to distribute.
There is no oil, nor gold, nor silver, nor nickel; there is only coffee,
whose production cannot be extended from the hillsides where it currently grows”²⁹.*

A análise de El Salvador será realizada a partir de seus aspectos físicos, econômicos, sociais (demográficos) e políticos, nesta ordem, e levar-se-á em consideração, principalmente, a situação deste Estado ao longo das décadas de 1950 e 1960, sendo esses os anos que antecedem o conflito armado.

El Salvador é o menor Estado da América Central, com apenas 21.160 km², ou seja, menor que o Sergipe³⁰, e localiza-se na costa sudoeste da região, não tendo, portanto, acesso ao Oceano Atlântico, a não ser por meio das rodovias que atravessam o território de Honduras³¹. Existem muitos vulcões em seu território, o que dificulta, porém não impede, a agricultura, já que o solo é bastante fértil nas encostas dos vulcões e na proximidade da costa. Apesar do terreno acidentado, as terras cultivadas chegam a 77% do total do território – o que significa que *todo o terreno cultivável é efetivamente utilizado*, havendo, inclusive, alguns tipos de cultivo em crateras vulcânicas³². As avançadas técnicas agrícolas e o bem estruturado sistema de irrigação fizeram com que este pequeno país fosse classificado, em 1965, como o 3.º maior exportador de café das Américas, atrás apenas do Brasil e da Colômbia³³.

Além do café, o algodão é outro importante produto na economia salvadorenha, sendo produzido especialmente no litoral. É também possível citar a

²⁸ Os dados deste capítulo referem-se principalmente às décadas de 1950 e 1960, salvo disposição em contrário.

²⁹ Thomas P. ANDERSON, *Politics in Central America...*, 1988, p. 231. Tradução livre: ‘Os problemas sociais e econômicos de El Salvador vão além da solução do mais habilidoso ou mais sábio governo. (...) a população de El Salvador chegou a um ponto em que a fome é o destino de muitos e a má nutrição, o destino de todos, exceto de poucos privilegiados. Com o solo sobretaxado, sobra pouco para distribuir. Não há petróleo, nem ouro, nem prata, nem níquel; só há café, e sua produção não tem como ser expandida para além dos morros em que já é cultivado’.

³⁰ O Sergipe é o menor estado brasileiro, com uma área equivalente a 22.050 km² (Almanaque Abril, Edição Brasil 2001, p. 225).

³¹ Ver Mapa 2, em anexo.

³² Thomas P. ANDERSON, *Politics in Central America...*, 1988; p. 73.

³³ Alain ROUQUIÉ, ‘Honduras -El Salvador - la guerre de cent heures...’, 1971; p. 1298. É interessante notar que o café, em El Salvador, é cultivado principalmente nas encostas dos vulcões.

produção de açúcar e de frutas tropicais, além da criação de gado. Ocorre que as duas mais importantes culturas – o café e o algodão – são sazonais, e, por isso, provocam um alto índice de desemprego durante certas épocas do ano, já que cerca de 1/3 dos trabalhadores têm emprego sazonal³⁴.

O café nem sempre foi o principal produto do modelo agroexportador salvadorenho. No final do século XIX, após o choque da independência, este produto passa a ser a solução encontrada para a difícil situação econômica de El Salvador. A evolução do cultivo do café se deu de uma maneira tão rápida que, em 1933, as plantações chegavam a 33,7% do total de terras deste Estado³⁵. Vale lembrar que era o grande fazendeiro quem enriquecia, e não o camponês. Ademais, esta monocultura fazia com que a economia de El Salvador ficasse atrelada a um mercado sobre o qual não detinha controle.

Na década de 1920, tentou-se plantar o algodão, de forma a diversificar a agricultura, mas o café estava em alta, e poucos se aventuraram no cultivo deste novo produto. Somente nos anos 40, o governo começa a ser pressionado por uma associação de produtores de algodão que exigia melhores meios de transporte para este produto e, assim, no fim da década de 1950, uma rodovia construída pelo governo ajudou a duplicar a produção de algodão em apenas cinco anos – de 23 mil hectares em 1951-55, a produção alcançou 48 mil hectares em 1956-60³⁶. No mesmo período, praticamente não houve alteração da produção de café.

O cultivo do algodão, porém, faz com que a terra fique absolutamente desgastada após poucos anos, e somente a implementação de cuidados especiais, como o reinvestimento e a tecnologia de ponta, pode evitar esse desgaste. El Salvador não pôde arcar com esses novos investimentos, pois sua economia já estava debilitada na década de 1960, e a produção algodoeira começou a decair alguns anos antes da eclosão do conflito armado.

Juntamente com a evolução do café, é adotado no país o liberalismo econômico, que fortalece o individual em detrimento do comunitário. Os camponeses que compartilhavam a terra, em um sistema de agricultura de subsistência, são levados à insolvência, enquanto grandes fazendeiros, cuja produção é voltada para a exportação, começam a formar uma nova elite no país,

³⁴ Alain ROUQUIÉ, "Honduras - El Salvador - la guerre de cent heures...", 1971; p. 1303.

³⁵ Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 14.

³⁶ Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 29.

através da desapropriação forçada ou legal das pequenas e médias propriedades³⁷. Sempre existiu a má distribuição de renda em El Salvador, mas dessa vez a renda e também as terras estavam cada vez mais concentradas nas mãos de poucos. Talvez uma das únicas vantagens da elite agrícola salvadorenha tenha sido o reinvestimento de boa parte do lucro, ao contrário do que ocorria com a oligarquia de Honduras.

Muitos camponeses perderam toda a sua propriedade, enquanto outros passaram a residir em pequenos lotes de terra, que mal proviam o sustento das próprias famílias³⁸. Em 1950, cerca de 19,2% das terras exploradas eram minifúndios; por outro lado, uma estatística de 1960 demonstra que 0,01% dos latifundiários detinha cerca de 16% da terra³⁹.

O setor industrial, a seu turno, é liderado pela burguesia local que, através de subsídios do Estado, desenvolveu técnicas referentes à energia hidroelétrica, construindo no rio Lempa, no fim da década de 1950, o maior complexo hidroelétrico da América Central. Ressalte-se, ainda, que El Salvador, ainda na década de 1950, tem três vezes mais estabelecimentos comerciais que a Guatemala, que é o maior país da América Central, além de possuir em seu território a única siderúrgica da região. Por conseguinte, este país poderia ser chamado de “potência industrial” da América Central, já que há muitos pólos industriais em seu território, o que faz com que a participação deste setor no Produto Interno Bruto salvadorenho seja de 19,6% nos anos 1950⁴⁰.

Volta-se, neste momento, para o aspecto social de El Salvador. A população aumentou bastante na década que precedeu a guerra, e a explosão demográfica neste país é freqüentemente apontada como um dos principais fatores do conflito. Em 1950, o número de salvadorenhos era de aproximadamente 2,3 milhões, passando para cerca de 3,2 milhões no ano de 1967⁴¹. Houve ainda uma forte migração interna, do campo para os centros urbanos: a população, que era rural⁴²

³⁷ Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 17.

³⁸ Esses colonos, que precisavam de algum dinheiro para sobreviver, começam a ser utilizados como mão-de-obra do trabalho sazonal, isto é, trabalham nas fazendas de café parte do ano e, finda a época da colheita, partem para as fazendas de açúcar ou algodão.

³⁹ Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 17.

⁴⁰ Alain ROUQUIÉ, “Honduras - El Salvador - la guerre de cent heures...”, 1971; p. 1299.

⁴¹ James Rowles, *El conflicto Honduras - El Salvador...*, 1980; p. 11.

⁴² Em 1950, cerca de 80% da população residia no campo. No que se refere ao tamanho total da população, Thomas P. Anderson cita as seguintes estatísticas: em 1930, a população era de 1.443.000; em 1961, subiu para 2.500.000 e em 1969, já alcançava 3.549.000 (*The War of the*

no início do século XX, começa a migrar para as cidades, e a população urbana, que representava 19,9% em 1950, alcança os 38,7% em 1966⁴³.

O crescimento da população salvadorenha também pode ser observado quando se compara a densidade demográfica deste país com os índices da região: fala-se em 147 habitantes/km² em 1970⁴⁴, sendo a média centro-americana de apenas 26 habitantes/km².

A oligarquia de El Salvador — a maioria de origem européia — corresponde a 0,2% da população e detém cerca de 60% das terras salvadorenhas⁴⁵, fazendo com que a renda per capita de El Salvador seja inferior à de todos os países centro-americanos, com a exceção de Honduras⁴⁶. Além disso, na década de 1960, eram analfabetos mais de 50% dos salvadorenhos.

O estado de miséria a que chegou a população em meados da década de 1950 tem origens na indiferença de seus governantes, aliada ao compromisso da administração pública com a oligarquia agrícola e com os militares, sendo que os maiores eventos políticos da história de El Salvador — o ‘Levante de 1932’ e a Guerra do Futebol — ocorrem por causa da conturbada relação entre os camponeses e o governo/elite, como se descreve a seguir.

Dois eventos paralelos dão origem ao ‘Levante de 1932’. Um clima de revolta das classes menos favorecidas tem início em 1931, devido à forte crise do café e à tomada das terras dos pequenos camponeses pela nova elite, que é apoiada pelo governo e pelos militares. Ainda em 1931, as eleições entregam a presidência ao liberal Arturo Araújo, que prometia a reforma urbana. Os militares, inseguros e insatisfeitos com ambos os eventos, dão um golpe de estado em dezembro daquele ano e aproveitam a oportunidade para tentar evitar a concretização da revolta campesina, aprisionando seu líder. No entanto, não

Dispossessed, 1981; p. 31). Os números não são idênticos, mas demonstram a explosão demográfica que ocorria naquela época em El Salvador.

⁴³ Alain ROUQUIÉ, ‘Honduras-El Salvador - la guerre de cent heures...’, 1971; p. 1299.

⁴⁴ James ROWLES, *El conflicto Honduras-El Salvador...*, 1980; p. 10.

⁴⁵ Thomas P. ANDERSON, *Politics in Central America...*, 1988; p. 74. Os autores concordam ao falar do sobre ‘às quatorze famílias’, ou simplesmente las catorce, que seriam a elite agrícola de El Salvador, com forte influência sobre a política doméstica. Na realidade, todos afirmam que esse número não tem bases oficiais e que ninguém saberia dizer exatamente quais as famílias que fariam parte deste pequeno grupo. O nome parece ter surgido no meio da população, que teria compreendido a gravidade da questão agrária em seu El Salvador.

⁴⁶ Os dados são de 1979: a renda per capita de El Salvador era de US\$ 630, contra US\$ 600 de Honduras, US\$ 700 da Nicarágua e US\$ 1.000 da Guatemala (fornecidos pela *Latin America Regional Report*, 2 out. 1980, *apud* Thomas P. Anderson, *Politics in Central America...*, 1988; p. 3, tabela 1.1).

obtêm êxito, já que a revolta ocorre em janeiro de 1932 e, em apenas duas semanas, são assassinados entre 18 mil e 40 mil camponeses⁴⁷. Assim, tem início, ainda na década de 1930, o processo de emigração para Honduras através da fuga dos camponeses perseguidos pelo governo⁴⁸. Esta emigração também foi impulsionada pelo fato de que, naquele mesmo momento, havia pouca terra disponível devido à extinção das terras comunitárias pela legislação liberal, o que encarecia os poucos lotes restantes, que só poderiam ser adquiridos pela elite representante da monocultura cafeeira.

Passados 30 anos desses acontecimentos, já na década de 1960, San Salvador ainda treme diante da possibilidade de uma nova revolta camponesa, que poderia surgir a partir da crise sócio-econômica por que passa o país naquele momento. Assim, novamente o governo tem responsabilidades pela emigração de seus nacionais e a solução encontrada por ele foi a de ignorar a migração massiva dessa parcela da população para Honduras, já que *“se as estruturas latifundiárias e oligárquicas são responsáveis por uma superpopulação relativa, somente a emigração pode, a curto prazo, assegurar a conservação do status quo”*⁴⁹.

A falta de terras e de empregos entre a maior parte da população faz com que a parcela menos favorecida da sociedade salvadorenha fique insatisfeita e, portanto, cada vez mais violenta: em 1960, um ano considerado normal, o número de assassinatos foi a 2ª maior causa de morte neste Estado⁵⁰.

É assim que a violência contribui para a emigração. Não se trata apenas da violência física que começou a se alastrar pelo país, provocada pelos trabalhadores e camponeses insatisfeitos, mas também da violência indireta provocada pelo próprio governo, com suas políticas comprometidas com o aumento do lucro da elite agrícola.

Ao longo da década de 1960, dois fatores, *juntos*, agravaram ainda mais a situação dos camponeses e dos trabalhadores urbanos. A indústria, desenvolvida graças ao investimento estrangeiro (sobretudo norte-americano, europeu e japonês) encontrava-se endividada e, desde o fim da década de 1950, não podia

⁴⁷ Alfredo Bruno BOLOGNA “Conflicto Honduras-El Salvador”, 1971; p. 124, Alain ROUQUIÉ, “Honduras-El Salvador - la guerre de cent heures...”, 1971; p. 1305 e Thomas P. ANDERSON, *Politics in Central America...*, 1988; p. 13.

⁴⁸ Paralela à emigração, intensifica-se também o fluxo migratório do campo para as cidades, o que aumenta ainda mais a violência nos centros urbanos.

⁴⁹ Alain ROUQUIÉ, “Honduras-El Salvador - la guerre de cent heures...”, 1971; p. 1304.

contratar novos trabalhadores. Ao mesmo tempo, a crise do algodão no mercado mundial, de 1965-66, atingiu as exportações deste país e o algodão, que representava cerca de 21% das exportações de El Salvador, passou a representar 6,4% em apenas quatro anos⁵¹. Essa situação também propiciava a emigração, por dificultar a obtenção de empregos no setor industrial e a produção/venda do algodão no setor agrícola, o que prejudica principalmente os camponeses.

Com isso, a dívida industrial e a crise comercial, juntamente com a ênfase no modelo agroexportador, a concentração da renda e a explosão demográfica, contribuíram para fazer com que a emigração fosse a única solução a ser tomada pelo excedente de mão-de-obra durante, principalmente, a década de 1960.

Para piorar a situação dos camponeses, em 1967 é eleito presidente de El Salvador um notório anticomunista, o coronel Fidel Sánchez Hernández. A política deste coronel favorecia a elite agrária (*las catorce*⁵²), fazendo com que crescesse ainda mais a reação de insatisfação do camponês e a pressão pela reforma agrária no país.

Assim, pode-se perceber que todos esses fatores, *juntos*, provocaram a insatisfação social e a conseqüente emigração para Honduras, a partir da década de 1930 e intensificada na década de 1960: (i) o modelo monocultor e agroexportador de El Salvador; (ii) a concentração de renda; (iii) a tomada das terras dos camponeses e dos empregos dos trabalhadores urbanos pela elite local; (iv) a violência por parte dos insatisfeitos com a política governamental; (v) as conseqüências da revolta camponesa de 1932, gerando morte, agitação e migração para os centros urbanos salvadorenhos e para Honduras; (vi) o compromisso do governo com as elites e com os militares; (vii) as crises industrial e comercial; e (viii) a explosão demográfica.

Passa-se, a seguir, para a análise das condições sociais, políticas e econômicas de Honduras, já que neste Estado ocorreu a maior parte dos fatores que levaram ao conflito armado, para, então, verificar como e por quê se deu a Guerra das Cem Horas.

⁵⁰ Conforme *This Week Central American and Panama*, 11 fev. 1980, *apud* Thomas ANDERSON, *Politics in Central America...*, 1988; p. 13, nota 9.

⁵¹ Alain ROUQUIÉ, "Honduras-El Salvador - la guerre de cent heures..."; 1971; p. 1304.

⁵² Sobre *las catorce*, ver nota 45 do Capítulo 2.

Honduras

“The picture of Honduras that thus emerge is that of the pure essence of a banana republic: poor, Yankee-dominated, and chronically misgoverned from the castle that serves as the presidential palace in the overgrown village of Tegucigalpa”⁵³.

A análise de Honduras, como a de El Salvador, também será realizada a partir de seus aspectos físicos, econômicos, sociais (demográficos) e políticos, nesta ordem, e também levará em conta a situação deste Estado ao longo das décadas de 1950 e 1960, por serem esses os anos antecedentes à Guerra do Futebol.

Estrategicamente localizada, Honduras divide a região centro-americana entre os países do norte, Belize, Guatemala e El Salvador, e os do sul, Nicarágua, Costa Rica e Panamá. É o segundo maior Estado da América Central, com 112.088 km², sendo cinco vezes maior que El Salvador. Apesar de não ter praticamente acesso ao Oceano Pacífico – apenas 150 km de extensão no Golfo de Fonseca –, Honduras conta com mais de 900 km de costa beirando o Atlântico⁵⁴. Não há muitos vulcões, o que poderia facilitar a agricultura, mas suas montanhas têm um solo mais pobre que o de El Salvador.

Ao norte de Honduras, há grandes florestas e, por causa da malária e da febre amarela, foi uma região inabitada por muito tempo. Em meados do século XX, devido à medicina moderna e à indústria, esta região passou a ser a mais rica do país, com um desenvolvimento social e econômico bastante rápido, principalmente na cidade de San Pedro Sula. Cerca de metade das exportações de Honduras vêm desta região, cujo principal produto é a banana. No interior do país, e próximo à fronteira com El Salvador, a terra é fértil, mas é utilizada por empresas privadas para a criação de gado. Onde o solo já está desgastado ou a terra não é tão fértil, pequenos camponeses hondurenhos tentam a agricultura de subsistência.

⁵³ Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 128. Tradução livre: “A impressão que surge de Honduras é a da pura essência de uma república das bananas: pobre, dominadas pelos ianques, e cronicamente mal governada a partir do castelo que serve de palácio presidencial na populosa Tegucigalpa”.

⁵⁴ Ver Mapa 1, em anexo.

A concentração de terras e de riquezas também existe em Honduras, embora em menores proporções que em El Salvador⁵⁵: em 1952, 43,9% de toda a terra cultivável de Honduras estavam sob o domínio de apenas 0,3% das fazendas⁵⁶. Apesar da alta concentração de terras, 80% dos 2,5 milhões de habitantes de Honduras residiam no campo na época do conflito e, graças à dimensão territorial deste país, a densidade demográfica é de apenas 21 habitantes/km² – de sete a oito vezes menor que a de El Salvador⁵⁷.

Também diferente do que ocorre com a elite agrícola de El Salvador, a elite hondurenha é basicamente formada por empresas estrangeiras, sobretudo companhias norte-americanas exploradoras de banana. Em Honduras, o governo alegava que à indústria da banana era inerente a construção de ferrovias e, por isso, adotava uma política que consistia em “doações” de grandes propriedades estatais àqueles que resolvessem explorar a banana, sob a suposição de que as ferrovias seriam ali construídas. Assim acontece com a empresa norte-americana *United Fruit Company* que, ao se instalar em Honduras em 1912, recebe 175 mil acres do governo (cerca de 50% de toda a terra de que era proprietária), apesar da proibição legal de alienação de terras públicas⁵⁸. Além da *United Fruit*, havia ainda duas outras grandes empresas da banana, também norte-americanas, instaladas em Honduras: a *Zemurray's Cuyamel Company* e a *Standard Fruit and Steamship Company*, e ambas receberam terras do governo sob as mesmas “condições” que a *United Fruit*. Tem início, então, o vínculo político e econômico do governo hondurenho com as poderosas companhias norte-americanas.

Na década de 1950, a *United Fruit* já era proprietária de mais de 300.000 acres, dos quais 34.000 serviam para a plantação de banana e outros 7.000 eram destinados ao arrendamento⁵⁹. Além da grande quantidade de terras, esta companhia era também proprietária de um dos dois portos de Honduras (o porto de Tela), de ferrovias (*Tela Railroad Company*), do transporte marítimo, das telecomunicações (*Tropical Radio Telegraph*), do principal banco de negócios de

⁵⁵ Segundo Thomas P. Anderson, em El Salvador, 0,2% da população detêm 60% das terras, enquanto 0,8% dos hondurenhos detêm 38% das terras (*Politics in Central America...*, 1988; p. 128).

⁵⁶ James ROWLES, *El conflicto Honduras-El Salvador...*, 1980; p. 20, n. 34.

⁵⁷ James ROWLES, *El conflicto Honduras-El Salvador...*, 1980; p. 19.

⁵⁸ Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 46.

⁵⁹ Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 47.

Honduras (*Banco Atlántida*), além de outras atividades⁶⁰. A *United Fruit* também controlava o petróleo, o tabaco e as indústrias de cerveja, o que fazia com que essa empresa contribuísse, nos anos 50, com mais de US\$35 milhões ao ano para a economia local⁶¹. Através de suas redes de rodovias/ferrovias, escolas e hospitais, criaram para Honduras uma infra-estrutura que, do contrário, não existiria. Com isso, devido a esse poder econômico, a *United Fruit* e as outras empresas norte-americanas exerciam uma forte influência política sobre o governo hondurenho.

A *United Fruit* e a *Standard Fruit* estavam localizadas na costa norte hondurenha e, no início da exploração da banana, a febre amarela e a malária ainda estavam sem controle naquela região. Assim, com vistas a atrair trabalhadores para aquele local, não faltavam atitudes paternalistas às companhias norte-americanas⁶². Os benefícios oferecidos atraíam principalmente os caribenhos e os negros que viviam no oeste, e nem tanto os camponeses mestiços do sul. Era uma política proposital, pois se acreditava que os negros e os caribenhos sobreviveriam melhor às precárias condições da costa norte. Com a erradicação da malária e da febre amarela no início do século XX, os benefícios deixaram de ser direcionados e os camponeses mestiços passaram a se interessar pelo trabalho na indústria da banana, gerando um pequeno conflito social entre ambos os grupos (entre os camponeses mestiços e os negros/caribenhos). Para tentar resolver a divergência, o governo hondurenho, na década de 1920, proíbe o trabalho realizado por negros, o que faz com que as empresas de banana optem pela “importação” de salvadorenhos. Alguns anos mais tarde, conflitos entre trabalhadores salvadorenhos e hondurenhos iriam eclodir, fazendo com que as empresas de banana também fossem parcialmente culpadas pela construção da rivalidade entre hondurenhos e salvadorenhos.

Volta-se agora a atenção para a própria política doméstica deste país para entender outros fatores que levaram ao conflito armado com El Salvador, cuja origem está na adoção de determinadas políticas governamentais.

A crise territorial por que passa Honduras nas décadas de 1950 e 1960 tem origem na época da independência, quando a aristocracia agrícola hondurenha

⁶⁰ Alain ROUQUIÉ, “Honduras-El Salvador - la guerre de cent heures...”, 1971; p. 1301.

⁶¹ Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 48-9.

⁶² Essas empresas ofereciam salários de US\$1 ou 2 por dia; enviaram médicos compatriotas para o local com a finalidade de erradicar, ou ao menos minimizar, as doenças, além de

mantém para si as melhores propriedades de terra, deixando para os camponeses terrenos inférteis ou de difícil acesso. Alguns governos tentaram resolver a questão agrária, mas suas políticas eram obstruídas pelos mais diversos meios, a começar pelas quase sempre fraudulentas eleições. Para se ter um exemplo, desde a constituição da República, em 13/01/1839, Honduras enfrenta golpes de estado com frequência e, entre 1839 e 1900, teve 64 mudanças de presidentes, levando à sua capital o apelido de “Tegucigolpe”⁶³.

As eleições de maior importância para a compreensão da Guerra do Futebol ocorrem no final da década de 1950. O liberal Ramón Villeda Morales é eleito pelo Congresso em 1957 para um mandato de seis anos e era o único com potencial “*para alterar as estruturas econômicas e sociais do país*”⁶⁴. Apesar de perceber o extenso poder das companhias norte-americanas, ele cria o Instituto Nacional Agrário (INA) em 06/03/1961 e promulga uma Lei de Reforma Agrária, em 29/09/1962, que, segundo James Rowles, era direcionada contra as companhias norte-americanas⁶⁵. Dizia o art. 68.1 da lei que apenas os *hondurenhos natos* estariam qualificados para usufruir as terras estatais e aqueles que não pudessem comprovar essa nacionalidade seriam expulsos dessas terras⁶⁶.

As pressões das empresas norte-americanas obstruíram a adoção das políticas de expulsão criadas com a Lei de Reforma Agrária. O mandato presidencial de Villeda Morales chegava ao fim e um novo presidente subiria ao poder em aproximadamente um ano. As eleições diretas estavam marcadas para 13/10/1963 e o liberal Modesto Rodas Alvarado, que liderava as pesquisas, certamente levaria adiante as reformas iniciadas por Villeda Morales. Ocorre que a influência dos latifundiários, de alguns conservadores e das companhias de banana fez com que, a 10 dias das eleições, um golpe de estado levasse Villeda Morales ao exílio.

prometerem a seus empregados melhores condições de habitação, escolas e serviços hospitalares de qualidade.

⁶³ Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 39. É de se ressaltar que alguns políticos estiveram mais de uma vez na presidência.

⁶⁴ James ROWLES, *El conflicto Honduras-El Salvador...*, 1980; p. 23.

⁶⁵ James ROWLES, *El conflicto Honduras-El Salvador...*, 1980; p. 23.

⁶⁶ Alfredo Bruno BOLOGNA, “Conflicto Honduras-El Salvador”, 1971; p. 126. Segundo este autor, assim estabelece o Art. 68 da Lei de Reforma Agrária: “Tem capacidade para obter a doação de uma parcela de terra os camponeses que reúnam os seguintes requisitos: 1) ser hondurenhos por nascimento (...)” (p. 126).

O novo chefe de estado é o coronel Osvaldo López Arellano, que se sustenta pelo tripé Partido Nacional-militares-*Mancha Brava*⁶⁷. Em 16/02/1965, as eleições legislativas ocorrem sob o monitoramento da OEA, o que não impede a fraude, e o Partido Nacional, após obter a maioria dos assentos da Assembléia, “legaliza” a situação do coronel Arellano.

2.2.1

A questão dos salvadorenhos residentes em Honduras

A atitude negativa de “hondurenhos vs. salvadorenhos” foi construída de diversas maneiras, contra diversos setores da população, e decorrente de vários motivos. Essas justificativas criaram o mito de que o outro era o “inimigo”.

Até o fim da década de 1950, os salvadorenhos não representavam nenhuma ameaça aos hondurenhos. Muitos deles haviam ingressado em Honduras por volta da década de 1930, para trabalhar com o cultivo da banana ou para arar a terra, onde ainda era possível. De acordo com Thomas P. Anderson (1981), assim tem início a construção da rivalidade entre ambos os Estados no que se refere à *política agrária e agrícola*:

“Foi somente no tempo de Osvaldo López Arellano que eles começaram a ser vistos como bode expiatório da óbvia incompetência do governo. A *Mancha Brava* (...) começou a realizar atividades anti-salvadorenhas em larga escala em 1967”⁶⁸.

Assim, as companhias de banana fizeram parte da construção desta rivalidade na costa norte de Honduras em relação ao setor da população constituído pelos trabalhadores urbanos.

Também o governo é um grande responsável pela construção desta atitude negativa, conferindo autoridade à *Mancha Brava* e a outras instituições públicas, com o objetivo de expulsar os salvadorenhos e, assim, acalmar os ânimos dos hondurenhos. Isso ocorre porque o objetivo original da Lei de Reforma Agrária de 1962 era o de proteger os hondurenhos da *United Fruit*, e não dos salvadorenhos. O art. 68 da lei continha apenas a expressão “hondurenho nato”, e não foi difícil

⁶⁷ É o braço armado do Partido Nacional, que tinha autorização para “atacar e matar os inimigos do novo governo” (sic) (de acordo com Rafael Leiva Vivas, *Un País en Honduras*, Tegucigalpa: Empreza Calderon, 1969, p. 12; *apud* Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 131).

para o governo de Arellano modificar o alvo daquela política, colocando-a contra os salvadorenhos, e não mais contra as empresas norte-americanas, que apoiavam o governo – e eram por ele apoiadas.

Dessa forma, quando a corrupção do governo começa a fazer com que a situação da economia hondurenha fique ainda pior, Arellano coloca em prática, em abril de 1969, a lei de reforma agrária de 1962. Em maio do mesmo ano, o diretor do Instituto Nacional Agrário, apoiado pelo presidente, dá início à expulsão dos salvadorenhos. Havia certa resistência por parte dos salvadorenhos em retornar a seu país, já que as condições de sobrevivência em El Salvador eram ainda piores que em Honduras. Assim, a *Mancha Brava*, o *Departamiento de Investigaciones Nacionales* (polícia secreta) e o Exército passaram a utilizar métodos desumanos e violentos, incluindo assassinatos, para expulsar os salvadorenhos⁶⁹.

Essa nova “política” foi aparente mente apoiada por todos os grupos da sociedade hondurenha: (i) os que estavam insatisfeitos com a situação de Honduras no MCCA; (ii) os trabalhadores das empresas de banana; (iii) os camponeses; e (iv) os grandes latifundiários. O governo e a imprensa, portanto, foram apenas os meios condutores – e os incentivadores – da construção desta atitude negativa.

Havia uma insatisfação generalizada em relação à *situação de Honduras dentro do MCCA* e na balança comercial hondurenha havia um déficit de cerca de US\$ 17 milhões⁷⁰ no ano de 1967, por causa das normas de exportação e importação impostas pelo MCCA. Essas regras contribuíram para que a disparidade econômica entre Honduras e El Salvador aumentasse ainda mais, desequilibrando por completo a relação entre os dois países.

A medida de expulsão dos salvadorenhos, portanto, também deve ser observada sob este pano de fundo – teria sido uma forma de Honduras responder às pressões do MCCA sem, no entanto, se deixar humilhar pela pressão salvadorenha. Neste sentido, é de se notar que:

“Seria excessivo afirmar que, provocando o êxodo de residentes salvadorenhos, Honduras tentou romper com o Mercado Comum, mas parece verdade que

⁶⁸ Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 133.

⁶⁹ Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 134.

⁷⁰ *Bank of London and South America Review*, já citado, p. 673, *apud* Alain ROUQUIÉ, “Honduras-El Salvador - la guerre de cent heures...”, 1971; p. 1308, nota 37.

impondo, assim, um freio ao expansionismo salvadorenho e colocando um grave problema ao governo de San Salvador, Honduras jogou sua última carta para obter ‘à força’ uma transformação em suas relações econômicas com seu vizinho”⁷¹.

As relações econômicas entre Honduras e El Salvador, no âmbito do MCCA, por conseguinte, constituem um importante fator para a construção da rivalidade entre as populações e o fato de Honduras assinar acordos bilaterais com os outros três Estados centro-americanos logo após o término da Guerra do Futebol confirma a hipótese de que a experiência do MCCA deixou cicatrizes na economia hondurenha.

Também aos *trabalhadores das empresas de banana* interessava a expulsão dos salvadorenhos e este setor da população hondurenha influenciou, a seu modo, na construção da rivalidade contra os salvadorenhos. Havia dois tipos de salvadorenhos residentes em Honduras: os mais pobres, localizados no sul e nas áreas próximas à fronteira, e os ricos artesãos e mercadores, que pretendiam expandir seus negócios para a próspera costa norte de Honduras.

Uma grande greve em 1954, organizada pelos trabalhadores das indústrias da banana, foi muito importante para o movimento de massas hondurenho, que nunca havia se manifestado. A partir daí, as associações desses trabalhadores ficaram ainda mais fortalecidas politicamente e muitos dos sindicatos e confederações surgidos nessa época passaram a influenciar algumas decisões do governo, apesar de não terem poder suficiente para controlá-lo. Esse episódio fez com que, por exemplo, *apenas* hondurenhos fossem empregados nas empresas frutíferas; até o ano de 1954, 15% dos empregados eram de nacionalidade salvadorenha⁷².

Além das exigências na esfera laboral, como o aumento salarial ou a diminuição da jornada de trabalho, os sindicatos começam a pressionar o governo para a realização da reforma agrária. A eles, também, interessava apenas a expropriação de salvadorenhos:

“Se, como foi no caso da Guatemala, esta reforma fosse realizada através da expropriação das grandes companhias de banana, os sindicatos seriam os perdedores; uma estranha aliança, portanto, surgiu e tinha apenas um alvo para a expropriação: os salvadorenhos”⁷³.

⁷¹ Alain ROUQUIÉ, “Honduras - El Salvador - la guerre de cent heures...”, 1971; p. 1310.

⁷² Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 57.

⁷³ Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 58-9.

Isso ocorre porque os salvadorenhos imigrantes dirigiam-se, principalmente, para a costa norte, atraídos pelos benefícios oferecidos pelas empresas de banana. Quando, no início do século XX, os negros foram proibidos de trabalhar e as vagas dessas empresas começaram a ser tomadas pelos salvadorenhos, o governo hondurenho não se incomodou – até apreciava que estivessem indo para a despovoada região norte.

Ocorre que a necessidade de sustento de salvadorenhos imigrantes levava-os a se submeterem a trabalhos recusados pelos empregados hondurenhos, fazendo com que os salários, inclusive de hondurenhos, ficassem ainda mais baixos.

Por esses motivos, os trabalhadores hondurenhos passaram a fazer pressão para a adoção da reforma agrária pelo governo contra os imigrantes salvadorenhos.

O setor da população hondurenha constituído pelos *camponeses* também se interessava pela expulsão dos salvadorenhos. O número de imigrantes salvadorenhos que chegaram na décadas de 1950 e 1960 no país era tão alto que o governo hondurenho não conseguia manter o controle. A imensa maioria desses imigrantes trabalhava no campo, tendo sido praticamente expulsos de El Salvador por causa das condições de miserabilidade em que viviam. Após ingressar em Honduras, abria-se a esses camponeses imigrantes apenas duas opções: tornar-se indigente ou ladrão nas ruas dos centros urbanos, ou fixar-se como posseiros nas terras de domínio estatal, que correspondiam a $\frac{3}{4}$ do território nacional.

Além disso, o aumento da produção algodoeira neste país durante a década de 1950 fez com que camponeses salvadorenhos comesçassem a ser requisitados pelas fazendas de Honduras, por serem considerados mão-de-obra qualificada e experiente no cultivo deste produto. Para complicar ainda mais a situação, alguns desses proprietários eram fazendeiros salvadorenhos que preferiam contratar seus compatriotas, gerando, assim, um grande número de desempregados entre os camponeses hondurenhos.

Por toda essa situação, também os *camponeses*, organizados sob a sigla da *Asociación Nacional de Campesinos Hondureños* (ANACH), conseguiram influenciar o governo de Arellano a realizar a reforma agrária *contra os salvadorenhos*.

Os *grandes latifundiários hondurenhos*, por sua vez, começam a construção da rivalidade contra os salvadorenhos em meados da década de 1960. Na

realidade, não era uma atitude negativa direcionada aos imigrantes salvadorenos, mas sim aos camponeses e posseiros em geral. Ocorre que muitos dos imigrantes salvadorenos enquadravam-se em uma dessas duas categorias e, portanto, foram alvo dos latifundiários⁷⁴, que desejavam a manutenção integral de suas imensas propriedades rurais.

Esse setor da população pressionava o governo através da poderosa *Federación Nacional de Agricultores y Ganaderos de Honduras* (FENAGH). A principal representante dos interesses oligárquicos atuava no nível do governo e, sob a máscara do patriotismo, desejava que *não* fosse realizada a reforma agrária, a fim de que se perpetuassem os latifúndios, e que os posseiros fossem expulsos das terras.

Com isso, os diversos segmentos da sociedade civil hondurenha – os insatisfeitos com a situação econômica de Honduras no MCCA, os trabalhadores das empresas de banana, os camponeses e os grandes latifundiários – viram na expulsão dos salvadorenos uma solução para alguns de seus principais problemas da década de 1960. A imprensa e o governo hondurenos apenas conduziram essas questões a uma situação praticamente insustentável, que levou à eclosão do conflito armado entre Honduras e El Salvador.

Dentro desse contexto de rivalidades, o papel da imprensa foi fundamental. Os jornais hondurenos noticiavam que os salvadorenos seriam os principais responsáveis pela crise de desemprego que assolava o país, o que afetava os trabalhadores urbanos da costa norte, bem como noticiavam que os salvadorenos cultivavam a terra estatal próxima à fronteira, o que afetava os camponeses hondurenos sem acesso à terra.

As hostilidades contra salvadorenos por parte dos meios de comunicação têm início no ano de 1967, com a imprensa hondurenha cada vez mais ativa. Em janeiro daquele ano, quando um novo tratado bilateral referente à imigração é assinado entre os dois países, o jornal *El Pueblo* declara que “*agora teremos mais salvadorenos que hondurenos*”⁷⁵. É o mesmo jornal que, em 05/06/67, discorre

⁷⁴ Alfredo Bruno BOLOGNA, “Conflicto Honduras -El Salvador”, 1971; p. 137. Este autor observa que, em 24/11/1967, uma carta da FENAGH dirigida ao presidente Arellano denuncia que “*são estrangeiros os que usurpam as propriedades rurais, especialmente os de nacionalidade salvadorenha*” e em uma declaração de 26/06/69, a FENAGH acusa o diretor do INA de não aplicar corretamente a Lei de Reforma Agrária de 1962.

⁷⁵ Jornal *El Pueblo*, de 16/02/67, *apud* Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 80. Infelizmente, apenas tive acesso ao título dessa matéria, e em inglês.

sobre a probabilidade de “desintegração social” em Honduras, causada pelos salvadorenhos⁷⁶. Ao *El Pueblo* soma-se o *Diario Tribuna Gráfica* e *El Cronista*, que publicavam notícias reveladoras do sentimento anti-salvadorenho que existia no país, com títulos do tipo “*salvadorenhos repelidos de 10 cidades de Yoro*”⁷⁷, entre outros. Neste sentido, é interessante notar:

“Na América Central os aparelhos de televisão são poucos, e a maioria das notícias que são absorvidas pelos homens nas ruas vêm dos jornais escritos. Além disso, como boa parte da população tem uma educação precária, as palavras escritas ganham um aspecto sagrado: se algo está nos jornais deve ser verdade. Portanto, não é surpreendente que uma histórica onda anti-salvadorenha tenha tomado conta do país”⁷⁸.

Nesse clima de insatisfação política, econômica e social, algumas greves, iniciadas na região norte e alaistradas por todo o país, ocorrem em 1968 e em meados de 1969.

No começo do ano de 1969, a pressão de *todos* esses acontecimentos começa a ser sentida pelos hondurenhos que, em conjunto com o governo, através da Guarda Civil, apelam para a violência física contra os salvadorenhos residentes em Honduras.

A expulsão oficial dos salvadorenhos teve início em maio de 1969. O então diretor do INA, o engenheiro Rigoberto Sandoval Corea, acreditava ser mais fácil expropriar os salvadorenhos, ainda que pela força, do que tentar tomar a terra dos latifundiários hondurenhos ou das empresas norte-americanas. Assim, em maio daquele ano, ele começa a invadir as terras dos posseiros, pedindo-lhes documentos que comprovassem a nacionalidade hondurenha e a propriedade da terra. Os salvadorenhos, que não podiam responder a essas questões, eram taxados de imigrantes ilegais, e ficavam sujeitos à expulsão sem direito a indenização com a obrigação legal de abandonar o local em, no máximo, trinta dias⁷⁹. Com isso, no começo de junho de 1969, cerca de 500 famílias salvadorenhas foram oficialmente expulsas das terras de Honduras, tendo seus pertences tomados pelos representantes do INA⁸⁰.

⁷⁶ Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 78-9.

⁷⁷ Título de uma matéria publicada em *El Cronista*, de acordo com Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 93.

⁷⁸ Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 94.

⁷⁹ De acordo com os arquivos do Ministério das Relações Exteriores de El Salvador, *apud* Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 92.

⁸⁰ James ROWLES, *El conflicto Honduras-El Salvador...*, 1980; p. 86.

É de se notar, voltando-se a atenção para os salvadorenhos expulsos, que o retorno a El Salvador contribuía para o agravamento das condições daquele país, já em dificuldades econômicas. A isso soma-se o fato de que a imprensa salvadorenha, tal como a hondurenha, noticiava exageradamente os eventos que ocorriam em Honduras com os salvadorenhos lá residentes, tais como as ações do INA e da *Mancha Brava*, bem como as violências físicas realizadas pelos próprios camponeses e trabalhadores urbanos hondurenhos, entre outras.

Em meio a todo esse clima de revolta e de rivalidade entre os dois Estados vizinhos, ocorrem as partidas de futebol durante as eliminatórias regionais para a Copa do Mundo de 1970. Existem controvérsias em relação ao que realmente ocorreu por conta das duas primeiras partidas de futebol e, por isso, as diferentes opiniões serão levadas em consideração.

Em 08/06/1969 ocorre a primeira de três partidas, em Tegucigalpa. Honduras vence o jogo, já que o time salvadorenho, tendo chegado à noite nesta cidade, foi impedido de dormir por causa das manifestações, apitos e fogos de artifício do lado de fora do hotel em que se hospedou. Alfredo Bruno Bologna é um dos únicos autores a afirmar que, já nessa partida, os sete mil salvadorenhos que foram a Tegucigalpa para assistir ao jogo “*foram hostilizados de todas as formas nos hotéis, nos restaurantes, nas ruas e nos estádios*”⁸¹.

A segunda partida é realizada em San Salvador, em 15/06/1969. Por duas noites, de 13 a 15 de junho, não se dormiu próximo ao hotel em que se hospedou a seleção hondurenha, pelos mesmos motivos acima, e a vitória da partida é de El Salvador. Esta partida é a que mais oferece controvérsias entre os autores das obras em estudo. Sabe-se que muitos hondurenhos foram a San Salvador para assistir ao segundo jogo e que a população salvadorenha estava bastante agitada com os acontecimentos que vinham ocorrendo em Honduras.

Thomas P. Anderson afirma que, naquela noite, muitos automóveis foram quebrados e que apenas dois hondurenhos foram feridos: uma mulher quebrou o nariz e um homem foi hospitalizado. Ainda segundo este autor, as notícias do jogo chegaram em Honduras superdimensionadas pelos meios de comunicação, que

⁸¹ Obdulio Nunfio, “Radiografía de la guerra del fútbol o de las cien horas”, em *Revista Mexicana de Sociología*, maio-junho de 1970; p. 673, *apud* Alfredo Bruno BOLOGNA, “Conflicto Honduras-El Salvador”, 1971; p. 168.

publicaram uma foto do ensangüentado nariz da mulher e relataram que muitos hondurenhos foram espancados.

Alain Rouquié (1971), por sua vez, acredita que naquele segundo jogo de futebol centenas de hondurenhos foram *efetivamente* feridos por salvadorenhos e que, por isso, no dia seguinte, em diversas partes de Honduras, principalmente na zona rural, vários hondurenhos atacaram os salvadorenhos residentes, roubando seus pertences e forçando sua fuga.

Vincent Cable (1969) afirma que algumas hostilidades já haviam ocorrido em Tegucigalpa após o primeiro jogo e que após o segundo jogo as famílias dos jogadores teriam sido atacadas, suas mulheres violentadas e a bandeira hondurenha profanada⁸².

A Comissão Interamericana de Direitos Humanos, por sua vez, ressalta que, por conta do segundo jogo, teriam ocorrido “*atos de violência contra visitantes hondurenhos e de ofensa aos símbolos nacionais de Honduras*”⁸³, sem, no entanto, especificar que tipos de atos foram aqueles e sem nada mencionar sobre o primeiro jogo.

Inobstante a divergência no que se refere ao que realmente ocorreu naquele dia, os autores concordam sobre a atuação dos meios de comunicação logo após este episódio, já que a rádio e a imprensa hondurenhas dão início a uma intensa campanha anti-salvadorenha, fazendo com que a CIDH recomendasse aos governos de *ambos* os Estados:

“Requerer à imprensa e à radiodifusão o cessar de toda a propaganda que induza a atos de perseguição ou que gerem o temor de que tais atos possam ocorrer”⁸⁴.

Pelo exposto, os fatores de maior relevância para a explicação do início do conflito armado são: (i) a concentração de renda em ambos os Estados; (ii) a explosão demográfica em El Salvador e sua conseqüente emigração em massa para Honduras; (iii) os problemas no mercado de trabalho hondurenho decorrentes da imigração de salvadorenhos; e (iv) as crises econômicas e políticas por que passavam cada Estado. O governo e os meios de comunicação de ambos os países contribuíram para a expansão da rivalidade entre as populações até o momento em

⁸² Vincent CABLE, “The ‘Football War’ and the Central American Common Market”, 1969; p. 662.

⁸³ Resolução aprovada em 07/08/1969 pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos, de acordo com o Relatório Especial da OEA, de 29/04/1970.

⁸⁴ Resolução aprovada em 07/08/1969 pela CIDH.

que a única solução, aos olhos do governo salvadorenho, era a invasão do território de Honduras.

Assim, pode-se compreender melhor como *todos* esses fatores, juntos, fizeram com que eclodisse o conflito armado entre Honduras e El Salvador. O próximo item tratará das medidas adotadas por ambos os países na iminência da guerra, bem como as ações realizadas pela diplomacia – na região e no âmbito da OEA – para tentar evitar ou diminuir os prejuízos sociais, políticos e econômicos que decorreriam do confronto.

2.3 A Guerra do Futebol

“(...) *the key to this tragic conflict lay in the thousands of simple peasants on both sides of the border, peasants like those throughout Central America, dispossessed by arrogant oligarchies linked to military dictatorships*”⁸⁵.

Exposta a situação geral em que se encontravam os países, parte-se para o item 2.3, em que serão brevemente expostas as fases do conflito. O conflito em questão pode ser dividido em quatro grandes fases, cujos limites se sobrepõem e que, a seguir, são isoladas apenas para fornecer uma melhor compreensão do todo.

A primeira fase compreende um grupo de acontecimentos intimamente ligados ao conflito, quais sejam: (i) os seus antecedentes, (ii) o conflito propriamente dito e (iii) a sua *resolução imediata*, em que se destaca a ação coletiva da OEA, que impõe e, logo depois, monitora um cessar-fogo entre as partes.

A segunda fase corresponde a um momento de debates sob a supervisão do mediador peruano José Luis Bustamante y Rivero, que resulta no acordo, em 1976, em assinar o *Tratado Geral de Paz*⁸⁶, fixando prazos para a delimitação dos trechos questionados e regulamentando o fluxo de indivíduos entre ambos os Estados.

A terceira fase, por sua vez, é a que ocorre no âmbito da CIJ entre 1986 e 1992. Corresponderia, portanto, a uma *resolução mediata* do conflito, em contraposição à supramencionada *resolução imediata*, realizada pela OEA. Esta fase tem início em dezembro de 1986, quando ambos os Estados requerem à CIJ a formação de uma Câmara Especial, com a finalidade de definir as fronteiras nos pontos não delimitados pelo Tratado de 1980. A Câmara é constituída em 08/05/1987 e sua decisão final ocorre apenas em 11/09/1992.

A quarta e última fase tem início quando da sentença definitiva da CIJ e chega aos dias atuais; corresponderia, portanto, ao momento da implementação do que fora decidido no âmbito judicial. Ocorre que a implementação da decisão de 1992 ainda está por ocorrer, uma vez que El Salvador não tem se mostrado

⁸⁵ Thomas P. Anderson, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 2. Tradução livre: “(...) a chave para este trágico conflito está nos milhares de humildes camponeses dos dois lados da fronteira, camponeses como os que estão por toda a América Central, desapossados por oligarquias arrogantes vinculadas a ditaduras militares”.

favorável ao total cumprimento da demarcação da fronteira tal como delimitada pela CIJ. Tal descumprimento fez com que Honduras apresentasse uma denúncia formal ao Conselho de Segurança da ONU em face de El Salvador. Apesar de não se ter tido acesso ao documento oficial correspondente à denúncia, sabe-se que ela teria ocorrido em janeiro e em março de 2002.

O principal objetivo deste trabalho é a análise da atuação da OEA, no fim da primeira fase – *vide* o Capítulo 3 –, de modo a verificar que as organizações internacionais, em especial as de natureza regional, podem atuar com sucesso através de papéis mais complexos e mais relevantes que o de simples instrumento da política externa de Estados mais poderosos.

2.3.1 O Desenrolar do Conflito Armado

A primeira fase engloba os antecedentes do conflito, o conflito propriamente dito e a sua resolução imediata, através da atuação da OEA. Os antecedentes foram expostos no item 2.2, os detalhes da atuação da OEA serão delineados pelo Capítulo 3 e, no presente item, serão descritos os eventos imediatamente anteriores ao início do conflito armado bem como as medidas adotadas pelos Estados ao longo do conflito.

Em 1967, a situação entre hondurenhos e salvadorenhos começa a se deteriorar rapidamente. Em maio daquele ano, tem início a tensão nas fronteiras, quando é capturado por salvadorenhos um criminoso hondurenho que residia nessa área e que era amigo do coronel Arellano. No mês seguinte, uma tropa salvadorenha com cerca de 40 homens foi detida quando estava na cidade hondurenha de Nueva Ocotepeque, localizada próxima à fronteira. Ambos os incidentes, bem como os tiroteios que esporadicamente ocorriam naquelas áreas, foram noticiados de maneira escandalosa e desproporcional tanto em Honduras como em El Salvador.

Para tentar resolver a situação, o embaixador de El Salvador no México se oferece como árbitro da questão e é aceito por ambos os países. Há uma reunião

⁸⁶ Tal tratado foi efetivamente assinado em 30/10/1980.

na ODECA em San Salvador, em julho de 1968, na qual até o Presidente Lyndon Johnson comparece. A troca de prisioneiros é realizada sob o olhar do presidente norte-americano, o que não conseguiu diminuir a tensão na região.

Em 1969 voltam a ocorrer importantes eventos na relação entre os dois países. Em janeiro, Honduras se recusa a renovar um tratado bilateral, assinado com El Salvador em 1967, cujo objeto é a imigração. Apenas quatro meses mais tarde, o presidente hondurenho Arellano utiliza-se da Lei de Reforma Agrária de 1962 para legitimar a expulsão de centenas de imigrantes das terras de Honduras. Soma-se a isso as greves iniciadas em San Pedro Sula pelos trabalhadores urbanos, e as violentas invasões de terra realizadas pelos camponeses hondurenhos⁸⁷.

Nesse momento a mídia regional começa a ter maior influência na incitação das populações, pois a imprensa hondurenha, acompanhando o movimento do governo, começa a culpar explicitamente os salvadorenhos pela grave crise de desemprego por que passam os hondurenhos, além de superdimensionar as notícias de violência contra hondurenhos nos pequenos conflitos da região fronteiriça. O mesmo fazia a imprensa salvadorenha, também incentivada pelo governo local, e começam a circular pelas cidades mapas em que a fronteira de El Salvador chegava até a costa norte, incluindo, portanto, parte do território hondurenho⁸⁸.

Todos esses fatores contribuíram para o regresso voluntário e involuntário, através da expulsão, de mais de 14 mil salvadorenhos⁸⁹ até o fim de maio. Em meados de junho, ocorrem as preliminares regionais para a Copa do Mundo. Seriam três as partidas, e apenas duas acontecem nos locais previstos, tendo sido a primeira realizada em Tegucigalpa e a segunda, em San Salvador. A terceira partida, por causa da violência, é transferida para a Cidade do México⁹⁰.

Após a segunda partida, as notícias da (real ou fictícia) violência contra hondurenhos em San Salvador são difundidas pela mídia de maneira exagerada. A consequência imediata é a revolta dos hondurenhos, em níveis cada vez mais

⁸⁷ Algumas contra os camponeses salvadorenhos e outras contra grandes proprietários de terra.

⁸⁸ James ROWLES, *El conflicto Honduras-El Salvador...*, 1980; p. 142 e Alfredo Bruno BOLOGNA, "Conflicto Honduras-El Salvador", 1971; p. 170.

⁸⁹ Dados da CIDH, *apud* Alfredo Bruno BOLOGNA ("Conflicto Honduras-El Salvador", 1971; p. 158). Durante o ano de 1969, 80 mil salvadorenhos teriam deixado aquele país (Thomas P. ANDERSON, *Politics in Central America*, 1988; p. 13).

elevados, contra os salvadorenos residentes em Honduras, e muitos são levados à morte.

No momento, deve-se inserir um breve comentário à natureza do conflito em estudo. Nota-se que a divergência entre Honduras e El Salvador tem fundamentos territoriais/fronteiriços, sociais, demográficos, políticos e econômicos. É um conflito de *origens* fronteiriças e territoriais, já que alguns pontos da fronteira entre Honduras e El Salvador não estavam claramente delimitados e outros pontos, apesar de delimitados, estavam sendo questionados pela população local, residente nas proximidades das áreas de fronteira. Não é propriamente um *conflito de fronteira*, embora tenha levado este nome quando da ação proposta no âmbito da CIJ. Sem dúvida, as *origens* são fronteiriças, mas a explosão demográfica em El Salvador, a alta taxa de concentração de terra na região bem como a crise econômica e política de ambos os países contribuíram fortemente para a eclosão do conflito.

O fato de as fronteiras serem imprecisas propiciou a imigração salvadorenha e deu origem a pequenos conflitos fronteiriços entre a população local. Por isso faz-se necessária a delimitação das fronteiras: para tentar fazer com que cada Estado, sabendo onde inicia e onde termina o seu território nacional, possa melhor controlar os fluxos migratórios.

Passa-se, no momento, para o relato da própria Guerra do Futebol, com a descrição dos eventos ocorridos nos dias imediatamente anteriores a seu início. Os acontecimentos de junho de 1969 inauguram a primeira fase do conflito: é neste mês que a situação na região começa a tomar rumos bastante complexos. Depois do segundo jogo de futebol, do dia 15/06, a população de Honduras, acreditando ter havido um massacre de seus nacionais em San Salvador, inicia a onda de violência contra os imigrantes salvadorenos.

A diplomacia tenta evitar uma resposta armada de El Salvador, e Francisco José Guerrero, o chanceler salvadorenho, em 19/06, envia uma carta a seu colega hondurenho, em que comenta a distorção e a dimensão ampliada que tomaram os acontecimentos e pede para que o governo hondurenho tome alguma medida para

⁹⁰ Em 27 de junho, El Salvador vence o terceiro jogo.

proteger a vida, a segurança e a propriedade dos salvadorenhos residentes em Honduras⁹¹.

No dia seguinte, é aprovada na Assembléia Nacional de El Salvador uma resolução que censura os acontecimentos violentos contra os salvadorenhos e expressa o desejo de ver a crise resolvida de “forma justa”. Naquele momento, o governo salvadorenho começa a se preparar, militarmente, para um futuro ataque a seu vizinho.

Alguns dias mais tarde, em 25/06, Guerrero envia um telegrama ao então secretário-geral da OEA, Galo Plaza Lasso, oferecendo uma denúncia formal contra Honduras pelo genocídio⁹² ocorrido contra seus nacionais e requerendo a visita da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (“CIDH”), ou de uma Subcomissão, à região para investigar os acontecimentos.

Em 26/06, Guerrero corta relações diplomáticas com Honduras através de uma carta em que alega que o governo hondurenho não tomara medidas para punir os criminosos de genocídio nem para requerer indenização pelos danos causados aos salvadorenhos⁹³. No dia seguinte, em 27/06, o chanceler hondurenho responde, durante o programa de rádio *La Voz de Honduras*, que o seu vizinho provocou uma sensação de *estado de guerra* e que uma reunião na chancelaria tentaria resolver o problema naquele mesmo dia.

Ainda em 27/06 é oferecida aos Estados litigantes a mediação tripartite dos Ministros das Relações Exteriores da Guatemala, da Nicarágua e da Costa Rica (Alberto Fuentes Mohr, Lorenzo Guerrero e Fernando Lara Bustamante, respectivamente). Este trio de mediadores constitui a tentativa centro-americana de resolver pacificamente o conflito, incentivada pela ODECA. No dia seguinte ao da constituição do trio de mediadores, Honduras e El Salvador aceitam-no como legítimo para resolver a controvérsia.

⁹¹ Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 104.

⁹² A acusação de “genocídio”, peça essencial do dossiê diplomático salvadorenho, foi objeto de um estudo jurídico oficial; ver *Genocídio en Centroamérica: estudio jurídico-penal del ‘Caso Honduras’*, por Manuel Castro Ramírez, Manuel Arrieta Gallegos, Arturo Zeledón Castrillo, San Salvador, Publicaciones de la Secretaria de Información de la Presidencia de la República, 23 de julho de 1969, *apud* Alain ROUQUIÉ, “Honduras-El Salvador - la guerre de cent heures...”, 1971; p. 1292, nota 4.

⁹³ Carta de Francisco José Guerrero para Tiburcio Carías Castillo, em 26/06/1969, *apud* Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 105. Tradução livre: “o governo de Honduras não tomou medidas efetivas para punir os crimes que constituem genocídio, nem deu garantias de indenização ou de reparação pelos danos causados aos salvadorenhos”.

Paralelo ao início deste procedimento diplomático para tentar resolver o que (supostamente) teria ocorrido na segunda partida de futebol, o governo hondurenho continua a hostilizar os salvadorenhos residentes em Honduras, através do que foi qualificado, mais tarde pela CIDH como:

“Uma onda de agressão e violência contra salvadorenhos residentes no dito país [Honduras], suas propriedades e indústrias, levando a excessos brutais e ao cometimento de graves crimes, provocando um êxodo literal de salvadorenhos do país... sob as mais dolorosas circunstâncias”⁹⁴.

Os jornais hondurenhos, que já haviam começado a espalhar o “anti-salvadorismo”, continuam publicando acontecimentos sobre a violência, organizada por hondurenhos, em nome da “retaliação” do que supostamente ocorrera no segundo jogo de futebol. Em El Salvador, por sua vez, os jornais também não estão isentos e o *El Diálogo de Hoy* publica, em 26/06/69, que o vice-cônsul salvadorenho da cidade de Tela (em Honduras) teria sido assassinado ao entrar em sua residência⁹⁵. Essa exagerada reação dos meios de comunicação de ambos os países levou a CIDH a afirmar que “*nos eventos ocorridos em El Salvador e em Honduras, a imprensa e a rádio têm enorme responsabilidade*”⁹⁶.

Volta-se aos fatos ocorridos antes do conflito, por serem questionáveis em dois diferentes momentos: não se sabe ao certo a dimensão da violência em San Salvador por ocasião da segunda partida de futebol, nem a reação dos hondurenhos contra os residentes salvadorenhos em nome de uma suposta retaliação. Thomas P. Anderson (1981) acredita que os próprios registros de ocorrência da violência contra os salvadorenhos podem ter sido inventados, pois muitos contavam histórias das atrocidades, mas nenhum deles efetivamente presenciou nenhum tipo de violência física⁹⁷. Em suas entrevistas e leituras realizadas em El Salvador, este autor descobriu que:

“A questão da condição desses refugiados de Honduras é controvertida. Se se acredita nos jornais salvadorenhos da época, a maioria dos refugiados teria sido sujeita a tratamentos extremamente brutos; mas os registros da Cruz Vermelha, conforme aponta o Sr. Llorca, não confirmam esta impressão. Os salvadorenhos

⁹⁴ *Comisión Interamericana de Derechos Humanos, Informe Preliminar de la Comisión*, Washington, D.C.: OEA, 1969, p. 13; *apud* Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 97.

⁹⁵ Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 101.

⁹⁶ *Comisión Interamericana de Derechos Humanos, Informe Preliminar de la Comisión*, Washington, D.C.: OEA, 1969, p. 14-5; *apud* Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 101.

⁹⁷ Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 103.

estavam exaustos, desorientados, e com frequência famintos, mas eles não estavam machucados⁹⁸.

Existe, portanto, a possibilidade de não ter havido uma reação tão violenta por parte dos hondurenhos depois do 2º jogo, embora tenha sido amplamente divulgada pela mídia. Isso quer dizer que o papel dos meios de comunicação foi de fundamental importância para a criação da violência direta naquele momento, tal como mencionado pela CIDH. Assim, caso realmente tenha havido alguma violência física contra os salvadorenhos residentes em Honduras⁹⁹, elas não eram tão generalizadas como levavam a crer os jornais de El Salvador, e o medo da morte ou da perseguição acabava expulsando, por si, muitos salvadorenhos.

Os primeiros dias de julho de 1969 encontram uma situação bastante tensa ao longo da fronteira, e pequenos porém frequentes incidentes parecem incitar ainda mais a rivalidade entre os países. No dia 02/07, El Salvador convoca suas tropas, que passam a se concentrar em pontos estratégicos ao longo da fronteira e, no dia seguinte, 03/07, tem início a primeira luta na região: um avião hondurenho, modelo C-47, é derrubado por metralhadoras salvadorenhas após a decolagem de Nueva Ocotepeque, por invadir o espaço aéreo de El Salvador¹⁰⁰. A partir de então, todas as noites ouve-se morteiros, especialmente na região fronteira entre Nueva Ocotepeque e El Poy.

No dia 04/07, Honduras envia um telegrama ao Conselho Permanente da OEA, denunciando a queda do avião hondurenho em Nueva Ocotepeque, dizendo, ainda, ter sofrido invasão de espaço aéreo por aviões salvadorenhos – alguns aviões salvadorenhos, pilotados por civis integrantes da elite, teriam sobrevoado Honduras por diversas vezes ao longo do mês de junho, com o objetivo de fazer um reconhecimento do terreno¹⁰¹.

O então Ministro das Relações Exteriores de Honduras, Tiburcio Carías Castillo, em uma carta para a OEA datada de 08/07, estima que, dos 300 mil

⁹⁸ Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 102. O ‘sr. Lloré’ é Baltasar Lloré Escalante, o então chefe da Cruz Vermelha salvadorenha.

⁹⁹ Não se pode simplesmente descartar essa hipótese.

¹⁰⁰ Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 109. Há uma pequena faixa para pousos e decolagens na cidade hondurenha de Nueva Ocotepeque, localizada a 8km da fronteira com El Salvador. A versão hondurenha estabelece que os aviões que decolam em direção ao sul precisam invadir uma pequena parte do espaço aéreo salvadorenho, para não colidirem com os aviões provenientes desta direção. A versão salvadorenha observa que a cidade é a 8km da fronteira e que, portanto, teria havido a intenção de espionar por parte de Honduras (James ROWLES, *El conflicto Honduras-El Salvador...*, 1980; p. 267).

salvadorenhos que residiam em seu país até o início da guerra de 1969, 18 mil já haviam retornado a El Salvador, ou seja, a maioria permanece em Honduras¹⁰². Não há na carta nenhuma menção sobre os motivos pelos quais esses salvadorenhos teriam regressado a seu país de origem.

Deve-se atentar para o fato de que há várias situações ocorrendo de maneira simultânea a nível regional e a nível estatal ao longo dos meses de junho e julho: a OEA já foi acionada e atua através da CIDH; a ODECA também está presente através do apoio ao trio de mediadores centro-americanos¹⁰³; o governo de El Salvador começa a se preparar para invadir o território hondurenho; o governo de Honduras, pressionado por grupos de influência, continua a perseguição de salvadorenhos em seu território; cerca de 18 mil salvadorenhos cruzam as fronteiras em poucos meses; e os meios de comunicação de ambos os países continuam a incitar psicologicamente as populações.

Na região fronteira, o fogo cruzado continua e, ainda no início de julho, o trio de mediadores requer a retirada das tropas localizadas nas zonas de maior instabilidade, o que é negado por El Salvador em 12/07.

Em 13/07, os ataques se intensificam, e o principal foco de violência continua sendo a região próxima a El Poy-Nueva Ocotepeque. É difícil saber o que fez com que El Salvador optasse pela invasão de Honduras¹⁰⁴, mas a estratégia militar adotada pelos salvadorenhos bem como o reconhecimento aéreo do território de Honduras derrubam a hipótese de que teria sido uma decisão de última hora.

No que se refere à razão pela qual o governo salvadorenho teria optado pela invasão a Honduras, o próprio coronel Fidel Sánchez Hernández fez notar que estava sob forte pressão, exercida pela opinião pública, e que, caso não invadisse Honduras no dia 14, um golpe de estado prometido pelos militares ocorreria em 24 horas¹⁰⁵. Com isso, Sánchez afirma que o objetivo da guerra foi o de pressionar

¹⁰¹ Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 110.

¹⁰² Carta de Tiburcio Carías Castillo a Galo Plaza Lasso, em 08/07/69, em "Correspondencia Despachado", Julio 1969, *apud* Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 103.

¹⁰³ As reuniões extraordinárias dos Ministros das Relações Exteriores na ODECA devem adotar suas medidas por unanimidade (art. 5º da Carta da ODECA), o que fez com que a ODECA não pudesse funcionar de forma plena (Alfredo Bruno BOLOGNA, "Conflicto Honduras-El Salvador", 1971; p. 155).

¹⁰⁴ Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 110.

¹⁰⁵ James ROWLES, *El conflicto Honduras-El Salvador...*, 1980; p. 143.

Honduras a mudar sua política anti-salvadorenha, e que se os salvadorenhos quisessem vitória total, teriam invadido ao longo de toda a fronteira e não somente em pontos específicos. A tática adotada, no entanto, levava-o em pouco tempo à sede do poder hondurenho, em Tegucigalpa.

O coronel Sánchez pensou que seria ajudado pela população e pelos políticos hondurenhos, que o *levariam* para Tegucigalpa, pois, segundo seus cálculos, estariam todos insatisfeitos com o governo local. Ocorre que:

‘O erro de percepção está no fato de assumir que os políticos hondurenhos odiavam mais seu ditador que a intervenção estrangeira. Na realidade, todos os segmentos da opinião pública hondurenha – os sindicatos, os partidos de oposição, e a classe média – apoiaram o governo quando a pátria pareceu estar em perigo’¹⁰⁶.

Para explicar a estratégia militar adotada por El Salvador, é preciso antes observar que há apenas duas principais estradas entre Honduras e El Salvador: a Rota Pan-americana, que passa por Nacaome (próxima à costa hondurenha do Pacífico), e a Rota 4, que passa por Nueva Ocotepeque (próxima à fronteira com a Guatemala). Ambas as rotas levam à costa norte de Honduras e, por conseguinte, ao oceano Atlântico¹⁰⁷.

A rota Pan-americana cruza a fronteira na cidade de El Amatillo (El Salvador), passando pela ponte sob o rio Goascarán, seguindo, já do lado hondurenho, para a cidade de Nacaome, onde se divide em duas outras rodovias, sendo uma delas a que leva a Tegucigalpa, em apenas 97 km. De lá, segue para San Pedro Sula e para a costa norte.

A Rota 4, por sua vez, tem início na cidade salvadorenha de Chalatenango, cruza a fronteira e segue para Nueva Ocotepeque e, de lá, para a costa norte. Há ainda uma terceira rota, menor que as outras duas, que atravessa a fronteira junto à província de La Paz, passa por Marcala e chega à estrada Tegucigalpa-San Pedro Sula logo adiante. Esta via alternativa, por suas precárias condições, não agüentaria os aparatos militares.

Considerando o fato de o terreno de Honduras ser bastante acidentado e aproveitando-se das vias acima descritas, foi assim planejada a invasão terrestre por parte de El Salvador: o Exército se concentraria em quatro áreas estratégicas, chamadas de ‘Teatros de Operações’, localizados (i) próximo a Nueva

¹⁰⁶ Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 112.

¹⁰⁷ Ver Mapa 2, em anexo.

Ocotepeque (Honduras); (ii) perto da ponte do rio Goascarán, onde a Pan-americana cruza a fronteira; (iii) ao sul da cidade de Marcala (Honduras); e (iv) próximo a Chalatenango (El Salvador)¹⁰⁸. Como se vê, trata-se de uma estratégia que tem como principal objetivo cercar Honduras e, ao mesmo tempo, possibilitar a chegada dos militares salvadorenhos a importantes cidades em poucos dias.

Além do Exército, também a Aeronáutica salvadorenha foi mobilizada para o ataque: eram 11 aviões de combate da época da Segunda Guerra Mundial (Mustangues F-51 e Corsários F4-U), alguns aviões de porte mais leve e 5 transportes DC-3. Havia, porém, um único aeroporto em El Salvador de onde partiriam os aviões, localizado próximo à capital, em Ilopango. A Aeronáutica salvadorenha, ao contrário do Exército, não era tão bem equipada como a hondurenha, que contava com mais pilotos, com 23 aviões de combate¹⁰⁹ além de existirem vários pontos de onde poderiam decolar seus aviões, aí incluídos os aeroportos próximos a Tegucigalpa e a San Pedro Sula.

A estratégia de El Salvador consistiu em iniciar um ataque aéreo à noite e uma invasão terrestre a partir da madrugada seguinte. Guardados em segredo pela cúpula militar até às 17h30m do dia 14/07/1969, quando as coordenadas de ataque foram repassadas aos pilotos salvadorenhos, os planos previam o ataque ao aeroporto próximo a Tegucigalpa às 18h10m¹¹⁰, atingindo também outros importantes centros urbanos, bem como bases da força aérea hondurenha, com vistas a dificultar ainda mais a resposta ao ataque.

Ao contrário do previsto, as forças aéreas de Honduras não sofrem tantas perdas pois estão espalhadas pelos diversos aeroportos do país, mas o fato de se ter aviões de guerra sob o céu da capital de um país já tem um efeito moral devastador. No dia seguinte, toda a aeronáutica hondurenha, mais bem preparada, se mobiliza para o contra-ataque, bombardeando o aeroporto de Ilopango e os

¹⁰⁸ Ver mapa 3, em anexo. Os nomes oficiais dessas operações são, respectivamente, (i) *Teatro de Operaciones del Norte* (TON), perto de Nueva Ocotepeque; (ii) *Teatro de Operaciones de Oriente* (TOO), no rio Goascarán; (iii) *Teatro de Operaciones del Norte Oriental* (TONO), ao sul de Marcala; e (iv) *Teatro de Operaciones de Chalatenango* (TOCH). (Alfredo Bruno BOLOGNA, “Conflicto Honduras-El Salvador”, 1971; p. 175 e Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 116 e seguintes).

¹⁰⁹ A maioria dos aviões de combate hondurenhos era de Corsários, recebidos entre 1956 e 1960 e, portanto, mais modernos que os aviões salvadorenhos.

¹¹⁰ O general José Alberto Medrano ressalta que a escolha deste horário reflete no fato de que “*seria muito tarde para a força aérea hondurenha, que não tinha sofisticados equipamentos de navegação, para responder [ao ataque] antes do anoitecer*” (Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 114).

portos de La Unión e Acajutla, bem como estabelecimentos de natureza econômica em El Salvador, fazendo com que, finalmente, o governo salvadorenho diminua sua ofensiva.

Por terra, os salvadorenhos avançam pelo território hondurenho a noroeste e, a leste, chegam muito próximo a Nacaome. Honduras, de início, não consegue se organizar, já que não tem soldados em número suficiente e sofre devido às deserções e à falta munição ou víveres para suas tropas. De fato, o Exército de El Salvador era melhor e mais bem equipado que o de Honduras, com seus 8 mil homens regularmente treinados além dos convocados que estavam na reserva, mil tropas cedidas pelas forças de segurança (*Guardia Nacional* e *Polícia Nacional*), todos munidos com armas de melhor qualidade que as utilizadas pelo Exército de Honduras. Este, além de rifles antigos, sofria com a corrupção no comando, a desorganização interna e tinham um contingente de apenas 2.500 tropas, somado à precária ajuda das forças de segurança. Após um início conturbado, a resistência civil hondurenha finalmente se organiza e começa a substituir as tropas hondurenhas em vários pontos do país.

Os mais complexos conflitos ocorrem próximo a Nueva Ocotepeque: as tropas cruzam a fronteira em direção a Nueva Ocotepeque e tomam a cidade na noite do dia 15, onde ficam até o dia 22¹¹¹. Tentam ainda avançar em direção ao norte de Honduras, mas são freadas pelo Exército hondurenho. Além disso, não há mapas precisos da região e os poucos que estão nas mãos dos salvadorenhos contêm informações erradas sobre o tortuoso terreno de Honduras.

Também as tropas localizadas nas proximidades do rio Goascarán consegue avançar, principalmente por contar com rodovias em melhores condições. Dois batalhões invadem a Rota Pan-americana e outros três ingressam no território hondurenho através do Golfo de Fonseca, ao sul. As cidades próximas à fronteira são facilmente conquistadas devido à estratégia adotada por Honduras para defender cidades maiores, como Nacaome. O avanço dos salvadorenhos nesse setor é de aproximadamente 25 km e, ainda assim, não conseguem tomar Nacaome. Os outros dois *fronts* praticamente não conseguem entrar no território hondurenho.

¹¹¹ Nueva Ocotepeque foi a maior cidade totalmente controlada pelos salvadorenhos – com cerca de 5 mil habitantes, é a capital da província de Ocotepeque.

Apesar do domínio e da superioridade do Exército salvadorenho demonstrados desde o início da invasão, alguns acontecimentos ocorrem diferentemente do planejado pelos salvadrenhos, e a falta de munição e de combustível para ambos os exércitos faz com que o conflito diminua de intensidade após três dias.

Vale ressaltar que, enquanto se desenvolvia o conflito armado, ocorrem reuniões (i) do Conselho Permanente da OEA, em Washington, visando à obtenção do cessar-fogo e do retorno ao *status quo ante bellum*, e (ii) da Subcomissão da CIDH, também na capital norte-americana, com objetivo de resolver a situação relativa à violação dos direitos humanos pelos governos de Honduras e de El Salvador. Esses eventos, bem como a atuação do Secretário-Geral da OEA, Galo Plaza Lasso, serão analisados no Capítulo 3. Para o momento, afirma-se que o cessar-fogo é oficialmente obtido, por pressões ocorridas no âmbito da OEA, no dia 18/07, às 22h, quando as tropas salvadrenhas ocupavam aproximadamente 1.600 km² do território hondurenho, incluindo cidades das províncias de Ocotepeque e Lempira¹¹².

Na manhã do dia 18/07, os jornais de El Salvador haviam declarado que não haveria cessar-fogo sem a garantia de indenização pelos fatos ocorridos contra salvadrenhos, o que fortaleceu ainda mais a moral das tropas nos campos de batalha e, de certa maneira, contribuiu para que somente no dia 20/07 fosse efetivamente suspenso o fogo cruzado.

Em 29/07, El Salvador declara que começará a retirada das tropas remanescentes e, somente em 03/08, as tropas salvadrenhas retornam ao país de origem¹¹³. Segundo o governo salvadorenho, estas tropas ainda estariam em Honduras com o objetivo de supervisionar os observadores da OEA, que eram os responsáveis pela garantia da vida, da propriedade e da segurança dos salvadrenhos ainda residentes em Honduras. Com o retorno a El Salvador, as tropas são recebidas com festa na capital, onde o governo se declara vitorioso.

Apesar de ter durado oficialmente apenas quatro dias, os números do conflito impressionam¹¹⁴: cerca de 2 mil pessoas morreram, dentre as quais a

¹¹² Alfredo Bruno BOLOGNA, "Conflicto Honduras -El Salvador", 1971; p. 175.

¹¹³ Alfredo Bruno BOLOGNA, "Conflicto Honduras -El Salvador", 1971; p. 176.

¹¹⁴ De acordo com <<http://memory.loc.gov>>, <www.infoplease.com>, Alain ROUQUIÉ, "Honduras -El Salvador - la guerre de cent heures...", 1971; p. 1295 e Thomas P. ANDERSON, *The War of the Dispossessed*, 1981; p. 126.

maioria era de civis hondurenhos, e mais de 4 mil ficaram feridas; entre 60 mil e 130 mil salvadorenhos retornaram a seu país, gerando graves problemas em alguns setores da economia hondurenha. Problemas sócio-econômicos também surgem em El Salvador, já que uma enorme quantidade de indigentes passa a tentar sobreviver pelas ruas dos centros urbanos, onde a taxa de desemprego chega a 20% no início da década de 1970¹¹⁵.

O comércio entre os dois países foi praticamente suspenso, Honduras fechou suas fronteiras com El Salvador, impedindo também a utilização da Rota Pan-americana – através da qual os produtos salvadorenhos tinham acesso à Nicarágua e ao oceano Atlântico – o que fez com que El Salvador ficasse economicamente isolado¹¹⁶ e representou um fracasso para este Estado diante de seus objetivos iniciais.

Assim termina a primeira fase da Guerra do Futebol. Nunca houve um conflito latino-americano com elementos de explosão demográfica e de integração regional. É também a primeira vez em o fluxo migratório tem origem em um país mais rico e mais desenvolvido. Alain Rouquié (1971), porém, vê um fator comum a outros conflitos da América Latina:

“O fator comum a essas situações reside na existência, sobre o território de uma nação, de uma importante colônia de imigrantes originária do país vizinho e no fato de as duas nações serem desigualmente ricas e desenvolvidas e de terem controvérsias fronteiriças muito antigas”¹¹⁷.

Por todo o exposto, pode-se afirmar que o estudo da origem da divergência entre hondurenhos e salvadorenhos torna mais fácil a compreensão da eclosão do conflito armado¹¹⁸. A parte histórica e as condições econômicas, sociais e políticas de ambos os Estados no momento prévio à guerra fornecem dados importantes que devem ser levados em conta para a resolução pacífica deste conflito através da atuação de um terceiro interventor.

O próximo Capítulo é destinado à descrição da atuação da OEA na administração do conflito Honduras-El Salvador. Tentar-se-á também verificar o

¹¹⁵ Alain ROUQUIÉ, “Honduras -El Salvador - la guerre de cent heures...”, 1971; p. 1295.

¹¹⁶ Em 1968, El Salvador exportava para a América Central cerca de US\$ 85 milhões; em 1970, esta quantia caiu para cerca de US\$ 35 milhões (dados de “Central America: the recovery of regional relations”, *Bank of London and South America Review*, déc. 1970, p. 672, *apud* Alain ROUQUIÉ, “Honduras -El Salvador - la guerre de cent heures...”, 1971; p. 1295, nota 9.

¹¹⁷ Alain ROUQUIÉ, “Honduras -El Salvador - la guerre de cent heures...”, 1971; p. 1315.

grau de envolvimento, ainda que de forma não-evidente, dos Estados Unidos, devido à importância geopolítica da América Central dentro do contexto da Guerra Fria.

¹¹⁸ Após as leituras, pode-se compreender melhor as alegações de ambos os Estados para cada uma de suas ações políticas ou diplomáticas, muito embora se deva afirmar que não se concorda com todas elas.